



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria do Planejamento
e Gestão

INDICADORES ECONÔMICOS DO CEARÁ 2010

Nicolino Trompieri Neto
Witalo de Lima Paiva
Débora Gaspar Feitosa
Cleyber Nascimento de Medeiros
Alexandre Lira Cavalcante
Maria Eloísa Bezerra da Rocha
Klinger Aragão Magalhães
Paulo Araújo Pontes
Ana Cristina Lima M. Souza

INDICADORES ECONÔMICOS DO CEARÁ 2010

Nicolino Trompieri Neto
Witalo de Lima Paiva
Débora Gaspar Feitosa
Cleyber Nascimento de Medeiros
Alexandre Lira Cavalcante
Maria Eloísa Bezerra da Rocha
Klinger Aragão Magalhães
Paulo Araújo Pontes
Ana Cristina Lima M. Souza

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Cid Ferreira Gomes – Governador

Domingos Gomes de Aguiar Filho – Vice Governador

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)

Eduardo Diogo – Secretário

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE)

Diretor Geral

Flávio Ataliba Flexa Daltró Barreto

Diretoria de Estudos Econômicos

Adriano Sarquis Bezerra de Menezes

Diretoria de Estudos Sociais

Regis Façanha Dantas

Autores

Nicolino Trompieri Neto

Witalo de Lima Paiva

Débora Gaspar Feitosa

Cleyber Nascimento de Medeiros

Alexandre Lira Cavalcante

Maria Eloísa Bezerra da Rocha

Klinger Aragão Magalhães

Paulo Araújo Pontes

Ana Cristina Lima M. Souza

Capa e projeto gráfico

Nertan Cruz

Indicadores Econômicos do Ceará 2010

IPECE, 2012 - Fortaleza - CE

Autores: Nicolino Trompieri Neto, Witalo de Lima Paiva, Débora Gaspar Feitosa, Cleyber Nascimento de Medeiros, Alexandre Lira Cavalcante, Eloísa Bezerra, Klinger Aragão Magalhães, Paulo Araújo Pontes, Ana Cristina Lima M. Souza.

ISBN: 978-85-98664-24-8

1 - Ceará. 2 - Economia. 3 - Indicadores Econômicos. 4 - Finanças públicas. 5 - Agricultura, indústria e serviços.

Tiragem: 1.000 exemplares. 75 páginas.: grafs. tabs.

Copyright © 2012 - IPECE *Impresso no Brasil*

APRESENTAÇÃO

Com o Livro Indicadores Econômicos do Ceará 2010, o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE inaugura uma nova série de documentos. A nova publicação, aos moldes da já consagrada Indicadores Sociais do Ceará, aborda o desempenho da economia cearense, ampliando o leque de produtos e a disponibilidade de informações oferecidas à sociedade.

Pensado para analisar o comportamento da economia, o livro traz uma avaliação de indicadores selecionados para os grandes setores econômicos, Agricultura, Indústria e Serviços, além de análises sobre as contas regionais, o mercado de trabalho, o comércio exterior e as finanças públicas estaduais.

Esta primeira edição contempla o desempenho da economia observado nos anos de 2006 a 2010, permitindo uma avaliação de curto e médio prazo para os indicadores. O trabalho traz análises detalhadas para cada um dos setores e áreas abordadas, respeitando a seguinte ordem: Contas Regionais, Serviços, Indústria, Agronegócio, Comércio Exterior, Mercado de Trabalho, e Finanças Públicas. Por fim, têm-se as considerações finais.

Os dados utilizados são em sua maior parte originários de fontes oficiais, tais como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), Secretaria de Fazenda Estadual (SEFAZ/CE), dentre outras que serão apresentadas ao longo do texto.

É com satisfação que o IPECE entrega mais esta obra ao povo cearense, buscando, como sempre, contribuir para uma correta leitura da realidade estadual e para um melhor conhecimento dos avanços conquistados nos últimos anos e dos obstáculos que ainda desafiam o Ceará em sua trajetória de desenvolvimento. Boa leitura!



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

1. CONTAS REGIONAIS

- 1.1 Produto Interno Bruto
- 1.2 Estrutura Setorial da Economia

2. SERVIÇOS

- 2.1 Composição Setorial do Serviço
- 2.2 Evolução das Vendas do Comércio Varejista Cearense
- 2.3 Comércio Cearense no Contexto Nacional

3. INDÚSTRIA

- 3.1 Indústria Geral
- 3.2 Indústria de Transformação
 - 3.2.1 Produção Física
 - 3.2.2 Vendas
 - 3.2.3 Comércio Exterior
 - 3.2.4 Emprego

4. AGRONEGÓCIO

- 4.1 Setor Agropecuário do Ceará
- 4.2 Grãos
 - 4.2.1 Milho
 - 4.2.2 Feijão
 - 4.2.3 Arroz
 - 4.2.4 Demais Grãos
- 4.3 Fruticultura
- 4.4 Outras Culturas

4.4 Outras Culturas

4.5 Pecuária

4.6 Outros Aspectos da Agropecuária Cearense

5. COMÉRCIO EXTERIOR

5.1 Produtos

5.2 Países

5.3 Setores de Contas Nacionais

6. MERCADO DE TRABALHO

6.1 Emprego Formal

6.2 Emprego Formal com Carteira Assinada

7. FINANÇAS PÚBLICAS

7.1 Resultado Fiscal

7.2 Receitas

7.3 Despesas

7.4. Dívida

TABELAS, GRÁFICOS E FIGURAS

TABELAS

Tabela 1 - Indicadores macroeconômicos selecionados - Ceará – 2006/2010
(*) (**)

Tabela 2 – Estrutura setorial (%) do Valor Adicionado - Brasil e Ceará - 2009

Tabela 3 – Valor Adicionado – Brasil e Ceará – 2006 e 2009 (%)

Tabela 4 – Evolução da taxa de crescimento anual do varejo comum – Brasil e Estados – 2006 a 2010

Tabela 5 – Evolução das vendas do varejo por setores – Brasil e Ceará – 2006 a 2010

Tabela 6 – Composição Setorial da Economia a partir do Valor Adicionado – 2009 – Ceará e Brasil

Tabela 7 – Taxas de Crescimento do Setor Industrial (variação em volume do valor adicionado) – Ceará

Tabela 8 – Número de Empregados Formais no Setor Industrial – Ceará

Tabela 9 – Exportações de Produtos Industrializados – Ceará

Tabela 10 – Exportações por Setor de Contas Nacionais – Ceará

Tabela 11 – Número de Empregados Formais na Indústria de Transformação – Ceará

Tabela 12 – Evolução no Saldo de Empregos Formais na Indústria de Transformação – Ceará

Tabela 13 – Principais Municípios Produtores de Milho no Ceará, 2006 e 2010

Tabela 14 – Balança Comercial CE/NE/BR – 2006 – 2010

Tabela 15 – Taxa de Crescimento da Balança Comercial CE/NE/BR – 2006 – 2010

Tabela 16 – Principais Produtos Exportados pelo Ceará – 2006 – 2010

Tabela 17 – Principais Produtos Importados pelo Ceará – 2006 – 2010

Tabela 18 – Principais Destinos das Exportações do Ceará – 2006 – 2010

Tabela 19 – Principais Origens das Importações do Ceará – 2006 – 2010

Tabela 20 – Evolução do emprego formal – Ceará – 2006 a 2010

Tabela 21 – Evolução dos saldos de empregos com carteira assinada – Brasil e Estados – 2006 a 2010

Tabela 22 – Evolução dos saldos de empregos com carteira assinada – Brasil e Regiões – 2006 a 2010

Tabela 23 – Evolução dos saldos de empregos com carteira assinada por setores – Ceará – 2006 a 2010

GRÁFICOS

Gráfico 1- Taxas de crescimento (%) do PIB - Brasil, Nordeste e Ceará-2006-2010(*) (**)

Gráfico 2 - Evolução dos valores correntes do PIB-Brasil, Nordeste e Ceará-2006-2010(*) (**)

Gráfico 3 - Evolução dos valores correntes do PIB per capita - Brasil, Nordeste e Ceará - 2006-2010 (*) (**)

Gráfico 4 - Taxa de crescimento (%) do Valor Adicionado da Agropecuária - Brasil e Ceará -2006-2010

Gráfico 5 - Taxa de crescimento (%) do Valor Adicionado da Indústria - Brasil e Ceará 2006-2010

Gráfico 6 - Taxa de crescimento (%) do Valor Adicionado dos Serviços - Brasil e Ceará 2006-2010

Gráfico 7 – Evolução da taxa de crescimento mensal do volume de vendas do comércio varejista comum - Brasil e Ceará - 2006 a 2010

Gráfico 8 – Evolução da taxa de crescimento anual do volume de vendas do comércio varejista comum - Brasil e Ceará - 2006 a 2010

Gráfico 9 – Evolução da taxa de crescimento do volume de vendas do comércio varejista comum - acumulada de 12 meses - Brasil e Ceará – 2006 a 2010

Gráfico 10 – Evolução da taxa de crescimento mensal do volume de vendas do comércio varejista ampliado - Brasil e Ceará - 2006 a 2010

Gráfico 11 – Evolução da taxa de crescimento anual do volume de vendas do comércio varejista ampliado - Brasil e Ceará - 2006 a 2010

Gráfico 12 – Evolução da taxa de crescimento do volume de vendas do comércio varejista ampliado - acumulada de 12 meses - Brasil e Ceará – 2006 a 2010

Gráfico 13 – Produção Física na Indústria de Transformação (índice acumulado, base igual período do ano anterior) – Ceará, Nordeste e Brasil

Gráfico 14 – Taxa de Crescimento Real Anual das Vendas da Indústria de Transformação – Ceará

Gráfico 15 - Evolução no Pessoal Ocupado na Indústria de Transformação – Ceará, Nordeste e Brasil

Gráfico 16 - Evolução da Folha de Pagamento Real na Indústria de Transformação – Ceará, Nordeste e Brasil

Gráfico 17 – Produção de Grãos e Precipitação Pluviométrica, Ceará, 1990 a 2010

Gráfico 18 – Participação Estadual na Produção de Grãos do Nordeste, 2006 a 2010

Gráfico 19 – Crescimento Percentual da Produção de Frutas no Ceará entre 2006 e 2010

Gráfico 20 – Exportação de Frutas no Ceará, 2006 a 2010

Gráfico 21 – Balança Comercial do Ceará – CE– 2006 - 2010

Gráfico 22 – Evolução da Participação das Exportações – CE/NE/BR – 2006 - 2010

Gráfico 23 – Evolução da Participação das Importações – CE/NE/BR – 2006 - 2010

Gráfico 24 – Exportações por Setores de Contas Nacionais – CE– 2006 - 2010

Gráfico 25 – Importações por Setores de Contas Nacionais – CE– 2006 - 2010

Gráfico 26 – Evolução do estoque de empregos formais – Ceará – 2006 a 2010

Gráfico 27 – Participação setorial do emprego formal – Ceará – 2006 e 2010

Gráfico 28 – Evolução do saldo de empregos com carteira assinada – Brasil – 2006 a 2010

Gráfico 29 – Evolução das taxas de crescimento anual do saldo de empregos com carteira assinada – Brasil – 2006 a 2010

Gráfico 30 – Evolução das participações dos saldos de empregos com carteira assinada por estados – 2006 e 2010

Gráfico 31 – Evolução das participações dos saldos de empregos com carteira assinada por regiões – 2006 e 2010

Gráfico 32 – Variação absoluta do saldo de empregos com carteira assinada por regiões entre os anos de 2009 e 2010

Gráfico 33 – Variação absoluta do saldo de empregos com carteira assinada por estados – 2009 e 2010 (Por Mil)

Gráfico 34 – Variação absoluta do saldo de empregos com carteira assinada por estados – Acumulado de 2006 a 2010 (Por Mil)

FIGURAS

Figura 1 – Distribuição econômica pelas regiões administrativas – Ceará – 2009(*)

1. CONTAS REGIONAIS

1.1 Produto Interno Bruto

Após a crise de 2008/2009, as principais economias do mundo ainda não se recuperaram inteiramente. Percebe-se uma lentidão no ritmo das atividades econômicas, sobretudo nos Estados Unidos e nos principais países da zona do Euro, que ao longo dos últimos anos, mostram-se ainda com dificuldades em seus principais indicadores macroeconômicos.

O Brasil, em função da crise, passou de uma economia com pouco dinamismo para ser, juntamente com países como a China e Índia, um dos sustentáculos da economia mundial. O PIB brasileiro registrou um crescimento de 7,5%, explicado pela participação efetiva do Governo no processo de revitalização da economia ante a crise, com adoção de políticas adotadas pelo Brasil e que foi seguida por outros países imersos na crise. Dentre as principais medidas destacaram-se os incentivos via redução da Taxa Selic e reduções e isenções nas alíquotas de impostos sobre produtos, como o IPI para algumas atividades econômicas: material de construção, eletroeletrônicos e veículos. As consequências positivas vieram por meio de um maior dinamismo do mercado interno, com redução das desigualdades regionais e ampliação do emprego formal, o que proporcionou acesso de mais pessoas aos bens e serviços disponíveis no mercado.

Assim, as medidas adotadas pelo Governo Federal, para o enfrentamento da crise, aliadas as ações do Governo estadual, amenizaram os efeitos impedindo quedas acentuadas nas atividades econômicas. Dentre as ações estaduais, ressaltam-se os investimentos do governo estadual e da iniciativa privada em diversas frentes, como os parques eólicos, a siderúrgica, infraestrutura turística, hospitais regionais, além de reduções e isenções de alíquotas de ICMS para setores estratégicos e maior eficiência na arrecadação.

Mediante esse cenário, a economia brasileira medida pelo seu Produto Interno Bruto (PIB), entendendo que o PIB representa tudo o que foi produzido pelas atividades econômicas somando-se os impostos

líquidos dos subsídios cresceu, de 2006 a 2010, a uma taxa média anual de, 4,4%, o resultado ficou abaixo da taxa de crescimento médio da economia cearense (5,5%), mas superior a taxa de crescimento da economia nordestina (4,0%) como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 - Indicadores macroeconômicos selecionados - Ceará – 2006/2010 (*) (**)

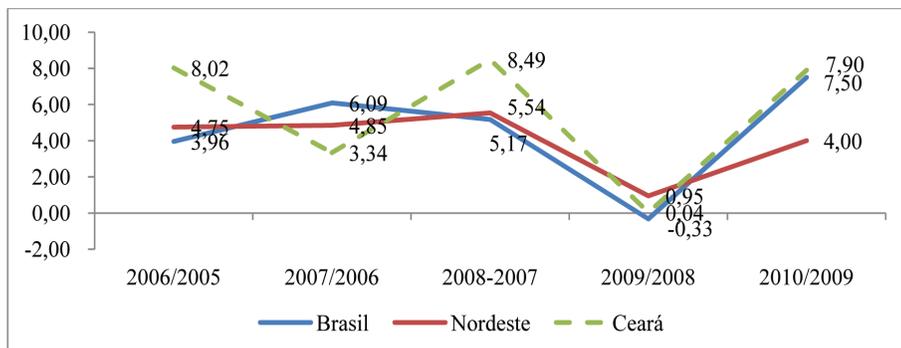
Indicadores Selecionados	Brasil	Nordeste	Ceará
PIB a preços de mercado (R\$ milhão) - 2010	3.770.085	488.528	76.705
Taxa de crescimento (%) anual 2010	7,5	4,0	7,9
Taxa de crescimento (%) médio anual 2006/2010	4,4	4,0	5,5
Taxa de cresc. acumulado (%) 2006 -2010	24,3	21,7	30,7
Per Capita (R\$ 1,00) - 2010	19.016	9.203	9.066

Fonte: IBGE e Instituições estaduais do Nordeste.

(*) Brasil e Ceará: os dados 2010 são preliminares e podem sofrer alterações, pois são estimativas trimestrais.

(**) Nordeste: são estimativas do IPECE e podem sofrer alterações quando divulgados os dados anuais pelo IBGE.

O Gráfico 1 mostra as taxas anuais das economias do país, da região e do estado. Percebe-se que na maioria dos períodos a economia cearense obteve taxas acima da média do Brasil e da Região Nordeste. Apenas nos anos 2007/2006 a economia cearense perde dinamismo em relação a nacional e regional, em função basicamente de dois fatores, base de comparação elevada e anos de ocorrência de chuvas irregulares, que provocaram alta taxa de desvantagem para a economia cearense, mas em relação a economia do Nordeste, foi na queda na Agropecuária, como pode ser comprovada na análise do setor. Outro período de passagem de 2008 para 2009, que registrou um crescimento de apenas 0,04% contra 1,0% da região, mas acima da média nacional, que registrou declínio de 0,3%. No entanto, no ano seguinte, 2010, as economias brasileiras, nordestinas e cearense, apresentaram recuperação, como pode ser vislumbrado no Gráfico 1, onde a economia cearense se destaca com um crescimento de 7,9% sobre o ano de 2009. Lembrando que esse resultado sofreu influência da crise 2008/2009, dado a base de comparação ser muito baixa.

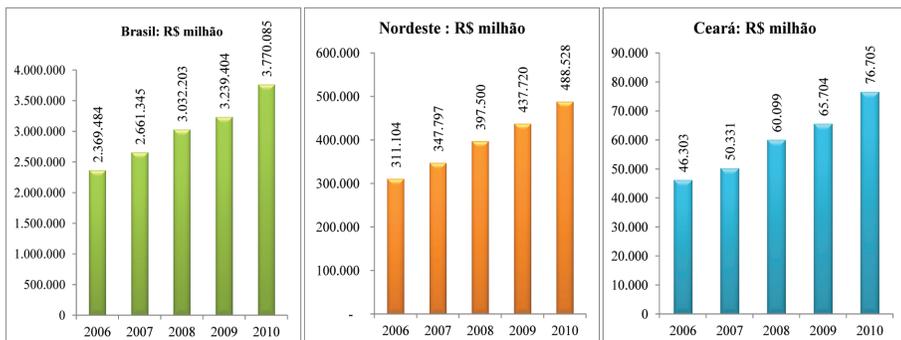
Gráfico 1 - Taxas de Crescimento (%) do Pib - Brasil, Nordeste e Ceará-2006-2010(*) ()**

Fonte: IBGE e Instituições estaduais do Nordeste.

(*) Brasil e Ceará: os dados 2010 são preliminares e podem sofrer alterações, pois são estimativas trimestrais.

(**) Nordeste: são estimativas do IPECE e podem sofrer alterações quando divulgados os dados anuais pelo IBGE.

Os resultados explicitados no Gráfico 1 geraram os valores do PIB da série 2006-2010, que estão expressos no Gráfico 2, para o Brasil, Nordeste e Ceará. No caso do Ceará, no início da série, 2006, o PIB atingiu o valor de R\$ 46,3 bilhões passando, em 2010, para R\$ 76,7 bilhões. Nesse ano a Região alcançou R\$ 488,5 bilhões contra R\$ 3,8 trilhões do país. É importante ressaltar que a economia cearense participa com 2,0% da economia brasileira e 15% da economia nordestina, ocupando, respectivamente, a 12ª e a 3ª colocações.

Gráfico 2 - Evolução dos Valores Correntes do Pib-Brasil, Nordeste e Ceará-2006-2010(*) ()**

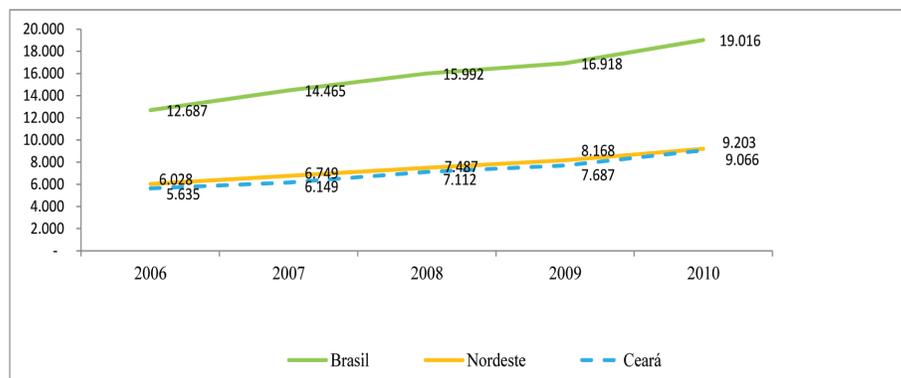
Fonte: IBGE e Instituições estaduais do Nordeste.

(*) Brasil e Ceará: os dados 2010 são preliminares e podem sofrer alterações, pois são estimativas trimestrais.

(**) Nordeste: são estimativas do IPECE e podem sofrer alterações quando divulgados os dados anuais pelo IBGE.

Em termos de PIB *per capita*, ou seja, a relação entre o valor do PIB e da população residente, a economia cearense gerou um valor de R\$ 5.635, em 2006 passando para R\$ 9.066, em 2010, ano que foi inferior ao PIB *per capita* do Brasil, R\$ 19.016, mas superior ao do Nordeste, R\$ 9.203 (Gráfico 3). Lembrando que em termos econômicos o Ceará ocupa a 12ª posição, tendo a 8ª população do país, daí representar cerca de 43% do PIB *per capita* nacional.

Gráfico 3 - Evolução dos Valores Correntes do Pib Per Capita - Brasil, Nordeste e Ceará - 2006-2010 (*) (**)



Fonte: IBGE e Instituições estaduais do Nordeste.

(*) Brasil e Ceará: os dados 2010 são preliminares e podem sofrer alterações, pois são estimativas trimestrais.

(**) Nordeste: são estimativas do IPECE e podem sofrer alterações quando divulgados os dados anuais pelo IBGE.

Os resultados da economia cearense mostram a forte vocação do Estado para o comércio, com isso, inicia-se a participação dos Serviços na economia estadual.

Em termos de Valor Adicionado, os Serviços cresceram, na série 2006-2010, a uma média anual de 5,60%, com uma participação de 70,40% na economia cearense. Dentre as atividades que compõem esse Setor, o maior destaque cabe ao Comércio, que participa com 15,6%; a Administração Pública, que ainda tem papel relevante na composição dos Serviços, com 22,80%, seguidos ainda das Atividades Imobiliárias (7,80%); Intermediação Financeira (5,10%); Transportes e Correios (4,0%); e Alojamento e Alimentação (2,20%), para destacar as atividades mais tradicionais dos Serviços. Já as atividades ditas modernas, Serviços Prestados às Empresas e Serviços de Informação,

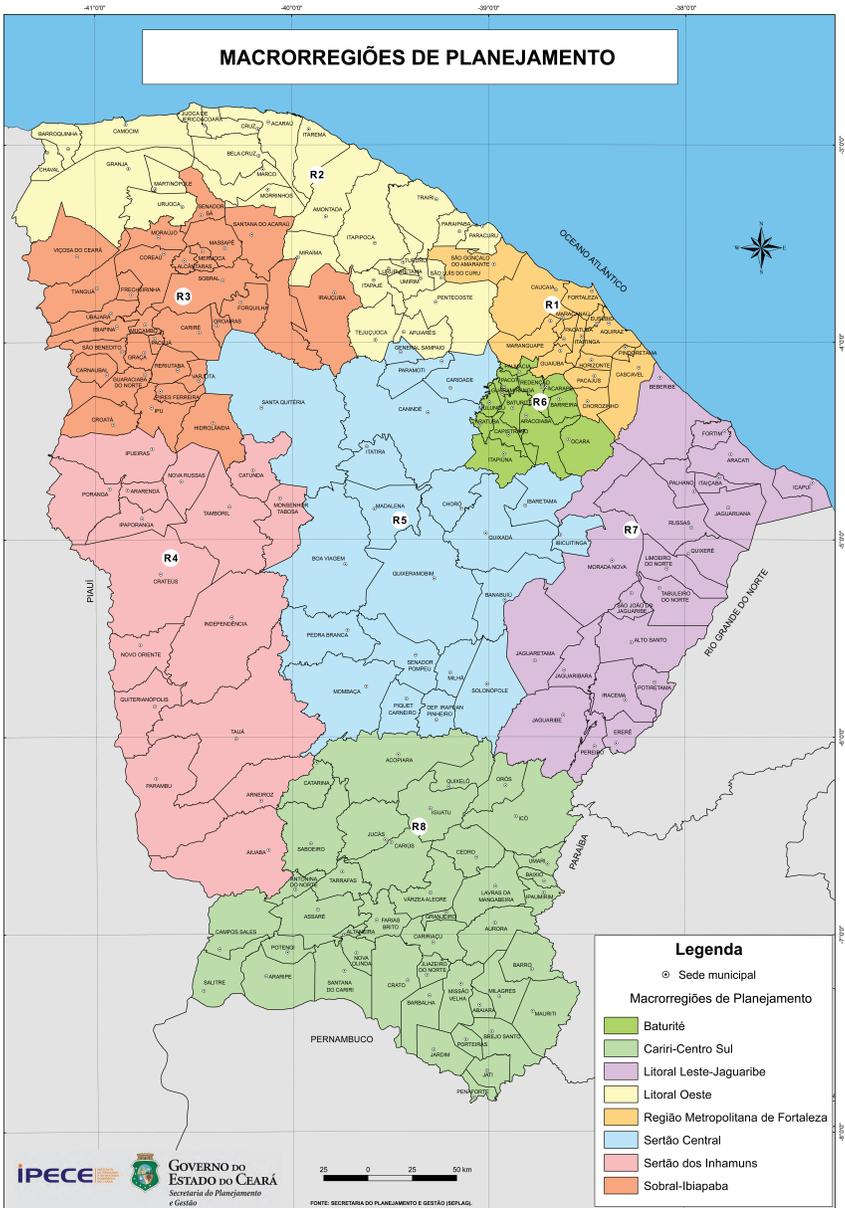
participam da economia estadual, respectivamente com 3,8% e 2,4%.

A Indústria, que incorpora as atividades de Extrativa mineral, Transformação, Construção civil e Distribuição, produção de energia, água, gás, esgoto e limpeza urbana, registrou crescimento médio de 4,8%, com uma participação de 24,5% na economia estadual.

A Agropecuária, com a menor participação (5,1%) na economia cearense, registrou um acréscimo médio anual de 0,4%, na série de 2006/2010. Vale salientar que esta atividade sofre constante influência de oscilações climática, dado a inserção do Ceará na área semiárida nordestina.

Ressaltando a distribuição espacial da economia cearense em seu território, observa-se que a economia se concentra na Região Metropolitana de Fortaleza (**R1**), 65,9%, seguida das demais regiões por ordem de grandeza econômica: Cariri/Centro Sul (**R8**), 9,5%; Sobral/Ibiapaba (**R3**), 7,0%; Litoral Oeste (**R2**), 5,2%; Litoral Leste/Jaguaribe (**R7**), 4,9%; Sertão Central (**R5**), 3,8%; Sertão dos Inhamuns (**R4**), 2,4%; e Baturité (**R6**), 1,3%. As oito regiões estão evidenciadas na Figura 1.

Figura 1 – Distribuição Econômica pelas Macrorregiões de Planejamento – Ceará - 2009 (*)



Fonte: IBGE e IPECE.

(*) 2009: último dado disponível por municípios.

Com esses resultados, em sua economia, o Ceará apresenta condições favoráveis para crescer com melhorias significativas nos indicadores sociais, o que pode ser alcançado caso esse crescimento se mantenha acompanhado de redução da desigualdade social.

No próximo item são destacados os resultados da economia cearense, de forma mais detalhada pelos três setores e atividades econômicas.

1.2 Estrutura Setorial da Economia

A Tabela 2 apresenta a estrutura setorial do Valor Adicionado a preços básicos da economia cearense e brasileira, para o ano de 2009. Observa-se que as duas economias possuem estruturas semelhantes, com o setor de Serviços destacando-se com participações em torno de 70%, nas duas economias, seguido da Indústria e da Agropecuária, como pode ser observado na Tabela 2.

Tabela 2 – Estrutura Setorial (%) do Valor Adicionado - Brasil e Ceará -2009

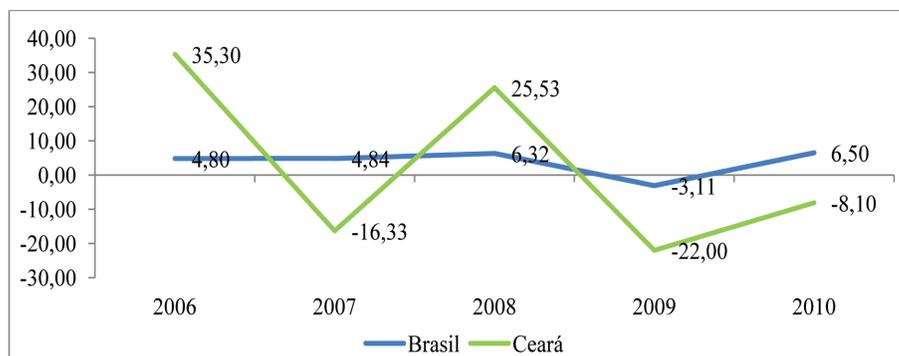
Setores	Brasil	Ceará
Agropecuária	5,63	5,10
Indústria	26,83	24,51
Serviços	67,54	70,38

Fonte: IPECE e IBGE.

Se as estruturas setoriais das economias cearense e brasileira são semelhantes, o mesmo não ocorre em termos de desempenho. No que se refere ao comportamento dos setores ao longo dos anos, 2006-2010, observa-se que a agropecuária cearense registrou taxas de crescimento muito oscilantes, diferente da brasileira, com taxas de 4,0% a pouco mais de 6,0% (Gráfico 4). As causas para o comportamento errático da agropecuária cearense residem na inserção, de grande parte, de seu território no semiárido nordestino, deixando o setor vulnerável às condições climáticas, ora com ocorrência de seca, ora com incidência de cheias. Essas irregularidades de chuvas provocam quedas nas safras de grãos, citando como exemplos os anos de 2007 e 2009.

Em termos de crescimento acumulado, a agropecuária cearense, de 2006 a 2010, apresentou uma taxa de 1,87%, o que resultou numa média anual de 0,37%. Enquanto a brasileira, cresceu a uma taxa acumulada de 20,53% e uma média anual de 3,80%.

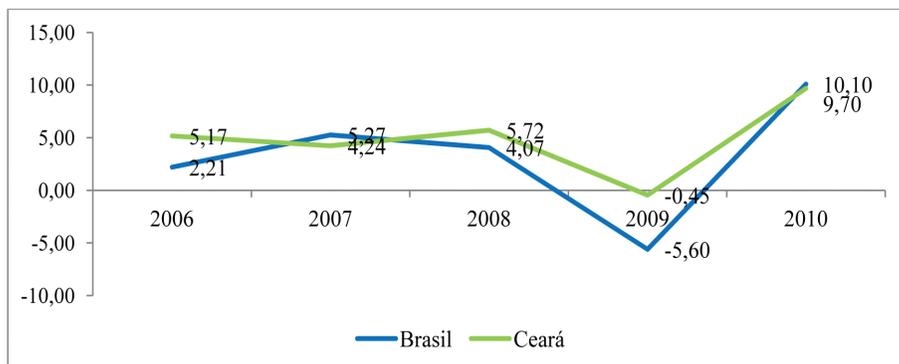
Gráfico 4 - Taxa de Crescimento (%) do Valor Adicionado da Agropecuária - Brasil e Ceará -2006-2010



Fonte: IPECE e IBGE.

Na Indústria, o Ceará obteve um aumento de 9,7%, taxa essa, próxima à registrada para o Brasil, de 10,1%, sugerindo uma recuperação do setor ante a crise de 2008/2009 (Gráfico 5). Em termos de taxas acumulada, o Ceará apresentou um crescimento de 26,56% ou uma média anual de 4,82%, no período 2006-2010, superiores as taxas da Indústria brasileira, 16,37% e 3,08%, respectivamente.

Gráfico 5 - Taxa de Crescimento (%) do Valor Adicionado da Indústria - Brasil e Ceará 2006 - 2010

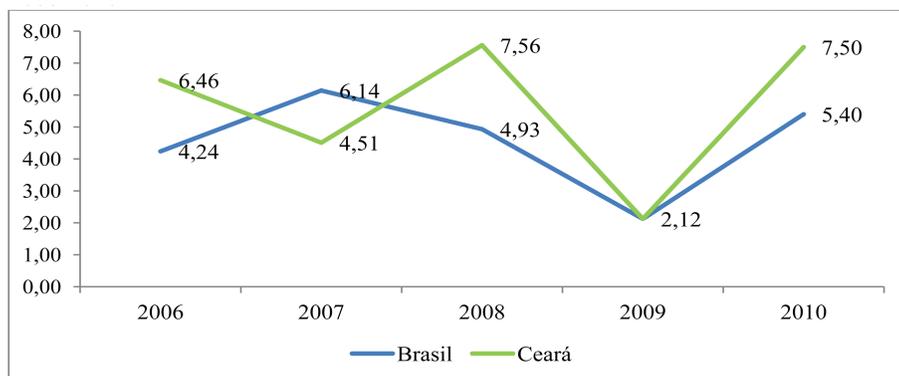


Fonte: IPECE e IBGE.

O setor de Serviços, que representava por volta de 70% do PIB do Estado, registrou crescimentos, acima da média dos Serviços nacional, na maioria dos anos 2006-2010, contribuindo decisivamente para o crescimento econômico estadual, como pode ser observado no Gráfico 6.

Os serviços no Ceará cresceram no acumulado de 31,05% a uma média anual de 5,56% superiores as mesmas comparações para o país, 24,96% a uma média de 4,56%.

Gráfico 6 - Taxa de Crescimento (%) do Valor Adicionado dos Serviços - Brasil e Ceará 2006-2010



Fonte: IPECE e IBGE.

2. SERVIÇOS

2.1 Composição Setorial do Serviço

De acordo com dados do Setor de Contas Regionais do IBGE, no ano de 2006, o PIB do setor de Serviços brasileiro medido pelo valor adicionado, ou seja, sem incluir o pagamento de impostos e nem concessão de subsídios, participou com 65,76% do PIB nacional. No Ceará essa participação foi mais significativa igual a 69,22% do PIB do estado. Já em 2009, essas participações passaram a ser de 67,54% e 70,38%, respectivamente.

Tabela 3 – Estrutura Setorial (%) do Valor Adicionado – Brasil e Ceará – 2006 e 2009

Atividades	Brasil		Ceará	
	2006	2009	2006	2009
Agricultura e Pecuária	5,48	5,63	7,26	5,10
Indústria	28,75	26,83	23,52	24,51
Comércio e Serviços	65,76	67,54	69,22	70,38
Comércio e serviços de manutenção e reparação	12,51	13,53	14,37	15,57
Serviços de alojamento e alimentação	1,80	1,95	2,15	2,22
Transportes, armazenagem e correio	4,85	4,80	4,03	4,04
Serviços de informação	3,79	3,57	3,16	2,43
Intermediação financeira, seguros e previdência complementar	7,20	7,24	5,23	5,13
Serviços prestados às famílias e associativos	2,44	2,30	2,28	2,03
Serviços prestados às empresas	4,78	4,97	3,64	3,76
Atividades imobiliárias e aluguel	8,66	8,37	8,63	7,80
Administração, saúde e educação públicas	15,31	16,33	21,15	22,81
Saúde e educação mercantis	3,17	3,13	2,91	2,76
Serviços domésticos	1,26	1,35	1,68	1,83
Total da Economia	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: IBGE.

Diante o exposto é possível afirmar que apesar da evolução mais acentuada desse setor no país entre os dois anos analisados, a atividade de Serviços vem mantendo seu grau de relevância mais elevado para a economia cearense que para o país.

Como pode ser visto na Tabela 03, a atividade de Administração, Saúde e Educação públicas que, em 2006, participava com 21,15% do

total do PIB do estado do Ceará, passou a participar com 22,81% em 2009. Vale notar que a participação desse mesmo setor no país foi de 16,33% nesse último ano, revelando a importância que a administração pública tem na formação do PIB do estado.

Outras atividades que registraram participações significativas foram: Comércio e serviços de manutenção e reparação (15,57%), Indústria de transformação (12,92%), Atividades imobiliárias e aluguel (7,80%) e Produção e distribuição de Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana (5,77%) apenas para listar as cinco principais. Tabela 03.

Para se conhecer o grau de relevância de cada atividade no setor de serviços é necessário dividir a participação de cada uma pelo total do PIB dos serviços. Sendo assim, em 2006, a atividade de Administração, saúde e educação pública participou com 30,55% do total do PIB dos serviços cearense, seguida por: Comércio e serviços de manutenção e reparação (20,76%); Atividades imobiliárias e aluguel (12,46%); Intermediação financeira, seguros e previdência complementar (7,55%); Transportes, armazenagem e correio (5,82%); Serviços prestados às empresas (5,25%); Serviços de informação (4,56%); Saúde e educação mercantis (4,20%); Serviços prestados às famílias e associativos (3,30%); Serviços de alojamento e alimentação (3,10%); e Serviços domésticos (2,43%).

Já em 2009, essas participações passaram a ser de: Administração, saúde e educação pública (32,41%); Comércio e serviços de manutenção e reparação (22,12%); Atividades imobiliárias e aluguel (11,08%); Intermediação financeira, seguros e previdência complementar (7,29%); Transportes, armazenagem e correio (5,73%); Serviços prestados às empresas (5,35%); Saúde e educação mercantis (3,93%); Serviços de informação (3,45%); Serviços de alojamento e alimentação (3,16%); Serviços prestados às famílias e associativos (2,89%); e Serviços domésticos (2,60%).

Vale notar que entre esses dois anos, apenas quatro atividades do ramo de Serviços registraram aumento de participação dentre as onze que formam o citado setor. Administração, saúde e educação públicas

registrou o maior ganho de participação com variação de 1,86 pontos percentuais (p.p.), seguido por Comércio e serviços de manutenção e reparação (+1,36 p.p.); Serviços prestados às empresas (+0,09 p.p.) e Serviços de alojamento e alimentação (+0,05 p.p.). Diante o exposto é possível observar a forte dinâmica ocorrida nesses setores, e o aumento da participação e o ganho de importância do setor público cearense na formação do PIB do Estado.

É importante destacar que o valor adicionado do **Comércio**, que é o segundo setor responsável pelos postos de trabalho na economia cearense, registrou alta de 13,8% no ano de 2010 em relação ao ano de 2009, fruto da forte recuperação desse setor frente a um ano de crise. No acumulado de 2006 a 2010, o VA desse setor registrou uma alta 51,94%, um crescimento médio anual de 8,73%.

É nítida a ascensão ocorrida nas **Atividades imobiliárias e de aluguel** no estado do Ceará no ano de 2010 que também registrou forte alta de valor adicionado na comparação com 2009 de 7,60%, a maior variação dos últimos cinco anos. No acumulado do período de 2006 a 2010, o valor adicionado dessa atividade cresceu 25,47%, ou seja, uma variação anual média de 4,64%, forte reflexo da ascensão do setor da construção civil no Estado e também do aquecimento da demanda por imóveis em especial na capital cearense.

Já o segmento de **Alojamento e Alimentação** que retrata fortemente a atividade turística cearense, teve seu VA aumentado em 7,5% comparado ao ano de 2009, representando também clara recuperação dessa atividade após a ocorrência de um ano de crise quando houve desaceleração do seu ritmo de crescimento.

2.2 Evolução das Vendas do Comércio Varejista Cearense

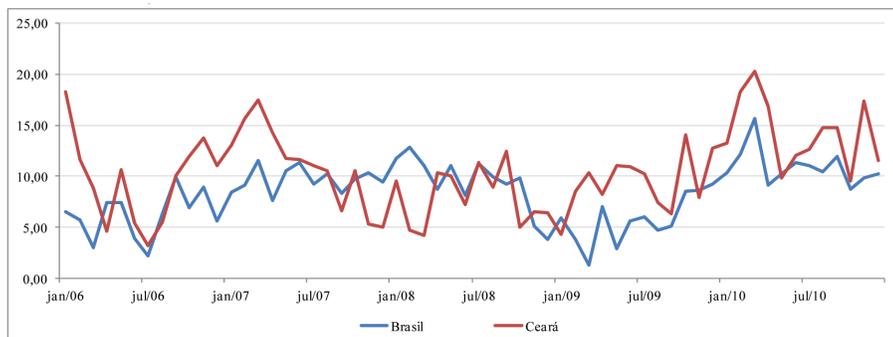
Segundo dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) que é realizada mensalmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume de vendas do varejo comum cearense registrou um crescimento de 14,03% no acumulado do ano de 2010. Com isso, o varejo cearense

registrou uma taxa recorde de crescimento quando se observa a variação anual ocorrida no período de 2006 a 2010.

Vale destacar que o volume de vendas cearenses também superou as vendas nacionais que registraram alta de 10,89%, uma diferença de 3,1 (p.p.), quando o país também apresentou taxa recorde de crescimento para o mesmo período.

Pela análise do Gráfico 07 abaixo, é possível observar a evolução mensal da taxa de crescimento das vendas do varejo comum cearense e nacional entre os meses de janeiro de 2006 a dezembro de 2010.

Gráfico 7 – Evolução da Taxa de Crescimento (%) Mensal do Volume de Vendas do Comércio Varejista Comum - Brasil e Ceará - 2006 a 2010



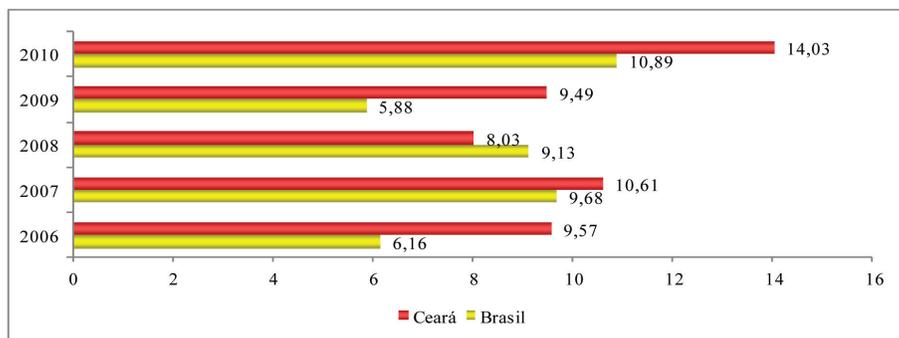
Fonte: PMC/IBGE.

É nítida a tendência de desaceleração da taxa de crescimento mensal nos anos de 2008 e 2009 no estado e no país, reflexo principalmente da crise que se instalara na economia mundial no segundo semestre de 2008, com clara retomada no ano de 2010. Gráfico 07.

Vale notar que de 2006 a 2010, o varejo comum cearense vem apresentando taxas de crescimento anuais positivas superiores às registradas pelo país, a exceção do ocorrido no ano de 2008 como pode ser observado no Gráfico 08.

No que se refere a evolução da taxa de crescimento acumulada de 12 meses, é possível captar o comportamento da tendência de crescimento das vendas do varejo comum cearense e nacional ao longo dos últimos cinco anos. Gráfico 09.

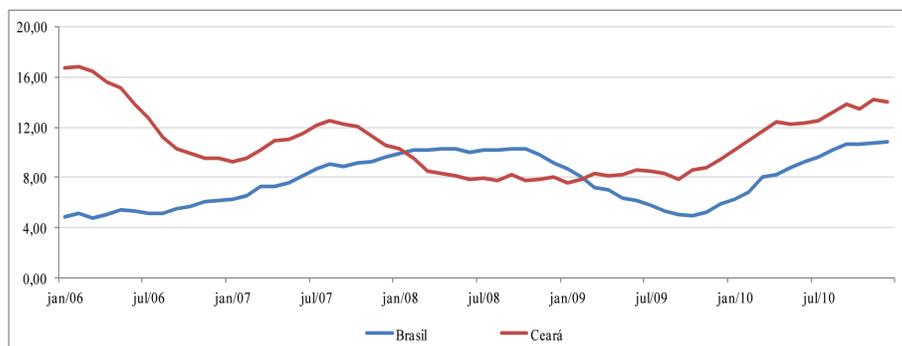
Gráfico 8 – Evolução da Taxa de Crescimento (%) Anual do Volume de Vendas do Comércio Varejista Comum - Brasil e Ceará - 2006 a 2010



Fonte: PMC/IBGE.

O varejo comum cearense apresentou perda do seu dinamismo a partir da segunda metade do ano de 2008 recuperando-se a partir de meados de 2009, mantendo uma trajetória ascendente durante o ano de 2010. Vale notar que no ano de 2008, as vendas nacionais chegaram a superar o desempenho registrado pelo Estado do Ceará, mas por um curto período de tempo.

Gráfico 9 – Evolução da Taxa De Crescimento (%) do Volume de Vendas do Comércio Varejista Comum - Acumulada de 12 Meses - Brasil e Ceará – 2006 a 2010



Fonte: PMC/IBGE.

No período de 2006 a 2010, o varejo cearense registrou alta acumulada nos cinco anos de 63,46% enquanto que o país registrou

variação de 49,19% na mesma comparação, uma diferença acumulada de aproximadamente 14,3 p.p. Diante disso é possível concluir que o Ceará vem ganhando espaço no total das vendas do varejo comum realizadas nacionalmente.

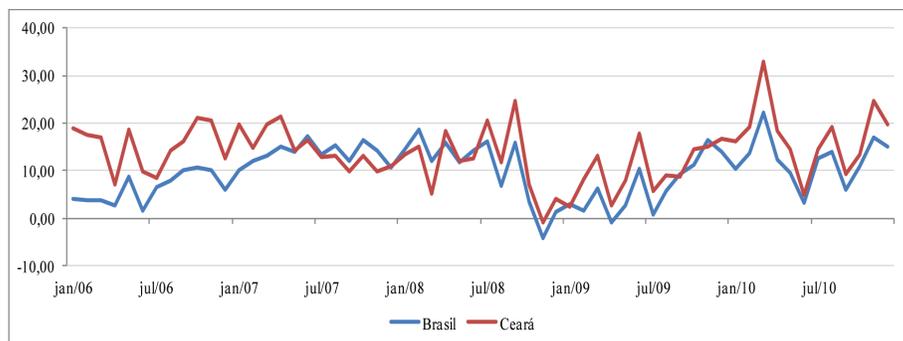
No tocante a receita nominal de vendas do varejo comum cearense, esta também apontou variação recorde no ano de 2010 de 18,6%, superando também a marca registrada pelo país de 14,50% no mesmo ano, ou seja, uma diferença de taxa de 4,1 p.p., maior no período. Todavia, nos anos de 2008 e 2009, a receita nominal de vendas do varejo comum cearense registrou crescimento inferior ao do país. No entanto, no acumulado dos anos de 2006 a 2010, a receita nominal de vendas do varejo comum cearense registrou alta de 87,09% enquanto o país registrou alta de 74,06%, uma diferença de taxa de 13,03 p.p.

Já com relação ao volume de vendas do varejo ampliado, que inclui além das vendas dos oito setores que formam o varejo comum, as vendas de Veículos, motocicletas, partes e peças e de Material de construção, esse registrou variação de 17,05%, superior a marca registrada pelo varejo comum estadual e também superior a marca alcançada pelo país de 12,23%.

Pela análise do Gráfico 10, a nítida tendência de desaceleração nas vendas também foi percebida quando se considera o varejo ampliado, que chegou até registrar taxa mensal negativa de crescimento.

Por outro lado, em março de 2010, quando os efeitos da política fiscal fizeram se sentir foi possível alcançar taxas recordes de crescimento mensal das vendas do varejo ampliado para o Estado e para o país no período sob análise revelando a forte retomada das vendas do comércio local. Esse desempenho foi provocado principalmente pela expansão nas vendas de Veículos, motocicletas, partes e peças; Alimentos, Móveis e eletrodomésticos; Equipamentos de informática e Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos.

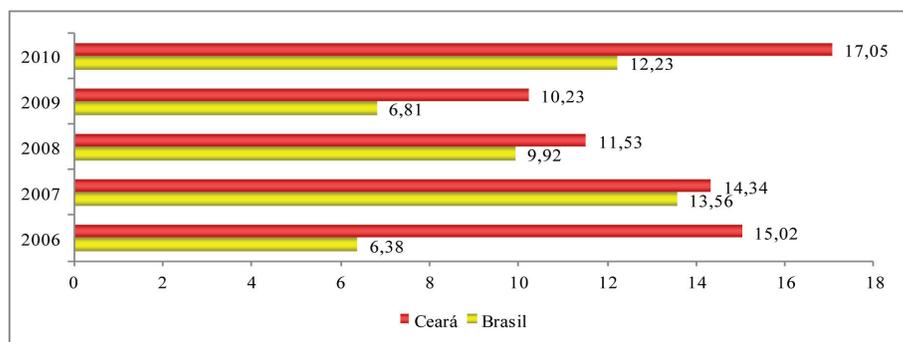
Gráfico 10 – Evolução da Taxa de Crescimento Mensal do Volume de Vendas do Comércio Varejista Ampliado - Brasil e Ceará - 2006 a 2010



Fonte: PMC/IBGE.

O varejo ampliado cearense registrou taxas anuais de crescimento sempre acima daquelas registradas para o país em todo os anos analisados com forte diferença de taxas nos anos de 2006 (8,64 p.p.) e 2010 (4,82 p.p.). Gráfico 11.

Gráfico 11 – Evolução da Taxa de Crescimento Anual do Volume de Vendas do Comércio Varejista Ampliado - Brasil e Ceará - 2006 a 2010



Fonte: PMC/IBGE.

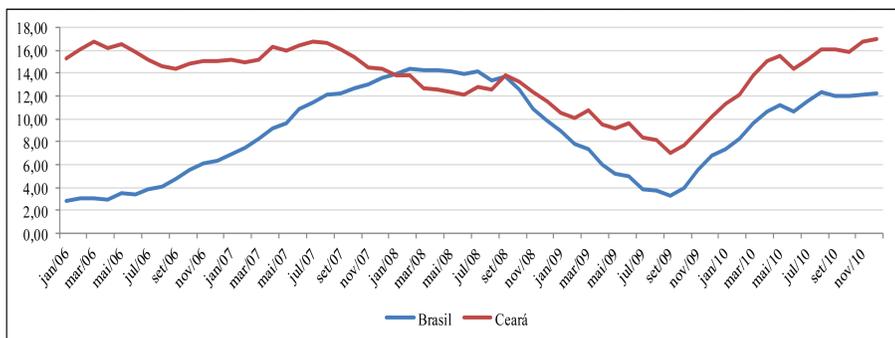
Em função da análise da evolução da taxa de crescimento acumulada de 12 meses para o varejo ampliado é possível novamente observar que as vendas nacionais e locais haviam registrado forte desaceleração no momento pós-crise internacional, tendência essa que persistiu durante

todo o ano de 2009, quando o varejo cearense veio a registrar a menor taxa de crescimento anual no período analisado de 10,23%. Gráfico 12.

Nota-se também no Gráfico 12, que em setembro de 2010 foi registrado a menor taxa de crescimento acumulado de 12 meses para as vendas do varejo ampliado cearense de 7,04%, mas ainda bem acima do que foi registrado pelo país que teve taxa de 3,29%, revelando em parte a força da dinâmica dessa atividade aqui no Estado.

No final do ano de 2009 e início de 2010 após um pacote de medidas fiscais e monetárias de incentivo ao consumo, as vendas do varejo ampliado cearense apresentaram forte recuperação, movimento acompanhado pelo varejo nacional.

Gráfico 12 – Evolução da Taxa de Crescimento (%) do Volume de Vendas do Comércio Varejista Ampliado - Acumulada de 12 Meses - Brasil e Ceará – 2006 A 2010



Fonte: PMC/IBGE.

Vale destacar que, no período de 2006 a 2010, o varejo local cearense registrou alta acumulada anual de 89,25% enquanto que o país registrou variação de 59,18% na mesma comparação, uma diferença acumulada de aproximadamente 30,10 p.p. Sendo assim é novamente possível afirmar que o Ceará ganhou importância no cenário brasileiro também no que se refere as vendas do varejo ampliado.

Por fim, a receita nominal de vendas do varejo ampliado cearense teve

alta no ano de 2010 de 20,16%, superior ao crescimento do volume de vendas local e superior a marca registrada pelo país que apontou variação positiva de 15,07%. Aqui também o Estado registrou variações, ano após ano, superiores as obtidas pelo país, o que resultou numa taxa de crescimento acumulada anual para o período de 111,11% para o Estado e de 76,42% para o país, uma diferença de 34,69 p.p.

2.3 Comércio Cearense no Contexto Nacional

No ano de 2006, os Estados que registraram as maiores taxas de crescimento anual foram: Roraima (30,13%), Acre (27,46%), Amapá (23,58%), Alagoas (18,73%) e Tocantins (18,72%), para listar as cinco maiores. O Ceará ocupou a 13ª colocação com crescimento de 9,57%.

Em 2010, Tocantins passou a ocupar a primeira colocação no ranking com taxa de crescimento de 55,62%, seguido por Rondônia (29,41%), Acre (22,43%), Roraima (19,31%) e Paraíba (18,77%). Nesse ano, o Estado do Ceará registrou o oitavo maior crescimento com variação de 14,03%.

Ao se acumular o crescimento anual das vendas do varejo comum no período de 2006 a 2010 é possível notar que Tocantins teve a maior alta de 103,78%, seguido dos Estados de: Roraima (86,75%), Acre (86,12%), Alagoas (82,34%) e Maranhão (78,61%). O Ceará, com taxa acumulada de 63,46%, ocupou a oitava posição tendo sido superado ainda por Rondônia (76,47%) e Amapá (70,04%). Diante o exposto é notório a presença de Estados da região Norte do país ocupando os primeiros lugares no ranking do crescimento acumulada das vendas do varejo comum no período analisado.

Vale destacar que comportamento semelhante foi observado no varejo ampliado quando o Estado de Rondônia registrou a maior alta acumulada nos cinco anos de 153,77%, sendo seguido pelos estados de Acre (153,40%), Tocantins (136,65%), Amapá (108,08%) e Roraima (104,05%).

O Estado do Ceará manteve a oitava posição ranking com taxa de crescimento acumulado nos cinco anos no varejo ampliado de 89,25%, tendo sido superado ainda pelos Estados do Maranhão (102,28%) e Espírito Santo (99,57%).

2.4. Análise Setorial do Comércio Varejista Cearense

Todos os setores do comércio varejista cearense registraram taxas positivas de crescimento no ano de 2010 frente ao ano de 2009. As maiores taxas de crescimento foram observadas nos seguintes setores: Livros, jornais, revistas e papelaria (30,13%); Veículos, motocicletas, partes e peças (23,59%); Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (18,73%); Móveis e eletrodomésticos (17,04%); e Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (14,46%), para listar aqueles que registraram crescimento acima do varejo comum.

O segmento de Combustíveis e lubrificantes com 3,54% e Tecidos, vestuário e calçados com 7,00% foram os que registraram as menores taxas de crescimento na mesma comparação.

Na comparação com 2009, oito dos dez setores analisados registraram taxas de crescimento superior, sendo que a maior diferença ficou por conta de Livros, jornais, revistas e papelaria (22,39 p.p.), seguido por: Material de construção (16,58 p.p.); Veículos, motocicletas, partes e peças (8,93 p.p.); Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (8,21 p.p.); e Tecidos, vestuário e calçados (7,34 p.p.), para listar as maiores.

Na comparação com o país, cinco setores merecem destaque por registrar crescimento superior no estado do Ceará: Livros, jornais, revistas e papelaria (18,17 p.p.); Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (9,8 p.p.); Veículos, motocicletas, partes e peças (9,46 p.p.); Outros artigos de uso pessoal e doméstico (1,48 p.p.); e Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (0,84 p.p.). Por outro lado, outros setores registraram crescimento inferior ao registrado pelo país, foram eles: Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (-9,85 p.p.); Materiais de construção (-3,67 p.p.); Tecidos, vestuário e Calçados (-3,62 p.p.); Combustíveis e lubrificantes (-3,04 p.p.); e Móveis e eletrodoméstico (-1,27 p.p.).

Por fim, vale destacar que oito dos dez setores analisados registraram taxas de crescimento no acumulado dos cinco anos superiores ao país,

e comunicação (200,92 p.p.); Veículos, motocicletas, partes e peças (82,13 p.p.); Móveis e eletrodomésticos (31,39 p.p.); Material de construção (31,10 p.p.); Livros, jornais, revistas e papelaria (14,60 p.p.); Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (10,55 p.p.); Combustíveis e lubrificantes (10,47 p.p.); e Tecidos, vestuário e calçados (7,12 p.p.).

O segmento de Combustíveis e lubrificantes apresentou a partir de 2009 um nítido comportamento de desaceleração de suas vendas. Enquanto isso, o segmento de Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo teve uma forte recuperação após apresentar queda nas vendas no ano de 2008, passando a registrar taxas superiores aos vinte pontos percentuais superando bastante a tendência de crescimento de longo prazo do país. As vendas de Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação perderam muito da sua dinâmica principalmente quando se comparado a elevadas taxas de crescimento observadas quatro anos atrás.

As vendas de Veículos e de Materiais de construção apresentaram no último ano da série um comportamento de forte recuperação quando comparado a 2009, todavia ainda não voltando a alcançar patamares de crescimento observado anos atrás. Todavia, o grande destaque de vendas, em termos de crescimento, deve ser dado ao segmento de Livros, jornais, revistas e papelaria que encerrou o ano de 2010 com uma trajetória ascendente bastante acentuada bem acima da média nacional.

O movimento de recuperação nas vendas das maiorias dos setores do varejo cearense no ano de 2010 deu-se principalmente em função de políticas de expansão do crédito atrelado a redução do custo do mesmo, incentivo a geração de novos postos de trabalho via redução do custo da folha de pagamentos, redução do preço de alguns produtos vendidos no mercado via redução de alíquotas tributárias. Em suma, a atividade do comércio cearense, sentiu relativamente menos os efeitos da crise internacional e se recuperou muito mais intensamente que o varejo nacional.

foram eles: Equipamentos e materiais para escritório, informática **Tabela 5** – Evolução das Vendas do Varejo Por Setores – Brasil E Ceará – 2006 A 2010

Setores	Brasil		Ceará		Acumulado no Período	2006	2007	2008	2009	2010	Acumulado no Período	
	2006	2007	2008	2009								
Combustíveis e lubrificantes	-8,04	5,05	9,33	0,84	6,58	13,51	-17,96	12,67	17,77	10	3,54	23,99
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	7,55	6,44	5,48	8,35	8,93	42,52	7,32	3,13	1,78	14,44	18,73	53,06
Hipermercados e supermercados	7,7	6,82	5,27	8,1	8,65	42,24	9,31	4,08	1,82	14,58	19,2	58,21
Têxteis, vestuário e calçados	1,94	10,6	4,84	-2,72	10,62	27,20	8,57	11,48	4,07	-0,34	7	34,32
Móveis e eletrodomésticos	10,25	15,41	15,07	2,12	18,31	76,90	27,78	15,05	10,28	9,77	17,04	108,29
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	3,73	8,95	13,33	11,77	11,88	60,16	12,12	8,28	5,91	4,51	12,72	51,47
Livros, jornais, revistas e papeleria	0,7	7,1	11,1	9,59	11,96	47,02	-1,35	2,14	14,4	7,74	30,13	61,61
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	30,04	29,47	33,47	10,61	24,31	208,98	65,97	77,41	39,83	8,2	14,46	409,90
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	17,15	22,7	15,6	8,39	9,08	96,46	14,87	17,26	13,1	10,66	10,56	86,38
Veículos, motocicletas, partes e peças	7,24	22,61	11,88	11,05	14,13	86,45	31,99	21,32	18,36	14,66	23,59	168,58
Material de construção	4,71	10,75	7,81	-6,61	15,66	35,04	9,33	23,5	15,16	-4,59	11,99	66,14

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

3. INDÚSTRIA

Na análise do setor industrial cearense observou-se a Indústria Geral e os segmentos que a compõem: a Indústria Extrativa Mineral, a Indústria de Transformação, a Construção Civil e os Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP). A avaliação considerou indicadores relativos à produção e ao emprego, discutindo a evolução registrada entre os anos de 2006 e 2010, com especial atenção aos últimos anos do período. Para Indústria de Transformação em particular, diante de sua importância, o leque de indicadores foi ampliado com a inclusão de informações sobre vendas e comércio exterior e de análises relativas às atividades que a integram.

Antes, porém, de se avaliar o comportamento da indústria, é válido revisitar a estrutura da economia cearense e a importância que o setor industrial possui; o que de certa forma ajuda a entender os resultados analisados. Como visto, em 2009, a indústria respondia por 24,5% do Produto Interno Bruto (PIB) da economia cearense, percentual próximo ao registrado pela indústria em nível nacional no mesmo ano, 26,8%¹. Considerando a composição da indústria, os segmentos de transformação e construção civil respondem pela maior parcela do PIB industrial, tanto para economia cearense quanto para o Brasil. Os dados são apresentados na Tabela 06.

Tabela 6 – Estrutura Setorial do Valor Adicionado (%) – 2009 – Ceará e Brasil (%)

Setores da Economia	Brasil	Ceará
Agricultura	5,63	5,10
Comércio e Serviços	67,54	70,38
Indústria	26,83	24,51
Indústria extrativa mineral	1,83	0,42
Indústria de transformação	16,65	12,92
Construção Civil	5,25	5,41
Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP)	3,10	5,77
Total da Economia	100,00	100,00

Fonte: IBGE.

¹ O ano 2009 é o último com dados definitivos para o Produto Interno Bruto. Os resultados para os anos de 2010 e 2011 são estimativas e podem sofrer alterações.

3.1 Indústria Geral

Considerando o valor adicionado, entre 2010 e 2009, a Indústria Geral no Estado cresceu 9,7%². Tal desempenho foi resultado do crescimento registrado pelos segmentos que a compõem. À exceção da Indústria Extrativa Mineral, todos os demais apresentaram taxas positivas, com destaque para Construção Civil com expansão de 14,5% e para Indústria de Transformação com 6,9%.

O desempenho em 2010 refletiu a recuperação do setor em relação a 2009, ano marcado pelo desenrolar da crise econômica internacional iniciada nos meses finais de 2008. Além da base de comparação deprimida que foi o ano de 2009, os resultados para 2010 foram consequência das ações anticíclicas e de estímulos à economia adotadas em nível nacional, com destaque para as medidas de incentivos fiscais e de apoio ao crédito e ao consumo.

Diferente do observado em 2010, o ano de 2009 foi de retração para atividade industrial no Ceará. Em relação a 2008, a redução no valor adicionado foi de 0,4% para Indústria Geral, influenciado principalmente pela queda na Indústria de Transformação (-4,3%). Como sinalizado, os resultados para 2009 foram determinados pelo agravamento da crise internacional iniciada em 2008. Por outro lado, na contramão dos resultados negativos, a Construção Civil manteve taxas positivas de crescimentos (2,3%) embora tenha reduzido o ritmo em relação aos anos anteriores.

A atividade da Construção Civil, em particular, apresentou um comportamento positivo em todos os anos do período considerado, 2006 a 2010. Menos afetado pelas instabilidades da crise econômica e favorecido por medidas de incentivo ao setor, pela expansão do crédito e pela recuperação da renda, o segmento registrou, na maior parte dos anos, taxas de crescimento interessantes que resultaram em uma expansão média anual de 8,6% entre os anos analisados.

Distante deste desempenho, a Indústria de Transformação no Estado registrou, para o mesmo período, um crescimento médio anual de 2,9%. O resultado, influenciado sobremaneira pela crise e por suas repercussões na economia nacional, se mostrou uma inflexão na trajetória seguida entre os anos de 2006 e 2008, cuja média foi de 3,9%. Apesar da maior influência do segmento da transformação, a Indústria Geral no Ceará registrou um crescimento médio, entre anos de 2006 e 2010, de

² Valor adicionado equivale ao PIB a preços básicos e, neste caso, os impostos não são computados, como ocorre no PIB a preços de mercado.

4,9%, pouco abaixo da média de 5,0% registrada para os anos de 2006 e 2008, sentido menos os efeitos das instabilidades econômicas com uma clara influência da Construção Civil.

Os dados discutidos são apresentados na Tabela 07, a seguir.

Tabela 7 – Taxas de Crescimento (%) do Setor Industrial (variação em volume do valor adicionado) – Ceará - 2006 a 2010

Ano	Indústria Geral	Extrativa	Indústria de Transformação	Construção Civil	SIUP
2006	5,2	0,6	4,3	12,4	1,8
2007	4,2	9,3	3,5	5,1	4,5
2008	5,7	-10,4	4,0	8,8	8,3
2009	-0,4	-4,4	-4,3	2,3	6,1
2010	9,7	-16,1	6,9	14,5	13,4

Fonte: IBGE.

(*) Variação em Volume do Valor Adicionado

No tocante ao emprego, o estoque de trabalhadores formais registrados na indústria cearense chegou a 325,1 mil empregados em 2010, reflexo de um crescimento de 10,6% sobre o ano de 2009, apesar da instabilidade econômica já citada. Dentre os segmentos, a Indústria de Transformação se colocou como maior empregador, concentrando 74,5% do estoque total, o equivalente a 251,4 mil indivíduos em 2010. Segunda na lista, a Construção Civil concentrou 23,4% dos trabalhadores formais da Indústria, o que representa 76,0 mil empregados. Os dados constam na Tabela 08.

Tabela 8 – Número de Empregados Formais no Setor Industrial – Ceará - 2006 a 2010

Indústria	2006	2007	2008	2009	2010	Var. % 2010/2009	Var. % 2010/2006	Part. % 2010
Geral	240.545	255.393	270.375	304.873	337.171	10,6%	40,2%	100,0%
Extrativa Mineral	2.359	2.448	2.600	2.713	2.654	-2,2%	12,5%	0,8%
Transformação	195.288	208.149	215.542	236.851	251.357	6,1%	28,7%	74,5%
Serviços Industriais de Utilidade Pública	8.232	6.776	6.518	6.874	7.187	4,6%	-12,7%	2,1%
Construção Civil	34.666	38.020	45.715	58.435	75.973	30,0%	119,2%	22,5%

Fonte: RAIS/MTE

Considerando todo o período, os anos de 2006 a 2010, o crescimento do emprego na indústria chegou a 40,2%, o que representou 96,6 mil novos postos de trabalho, acompanhando a expansão registrada na produção. Entre os segmentos, novamente a Indústria de Transformação foi o destaque com a criação de 56,0 mil vagas, um crescimento de 28,7%. A Construção Civil criou, no período, 41,3 mil vagas, ampliando o estoque de trabalhadores em 119,2%.

Apesar do crescimento, a participação dos empregos industriais no total da economia apresentou um leve aumento, passando de 24,3% em 2006 para 25,4% em 2010. Em conjunto, a economia cearense ampliou o estoque de empregos formais em 34,0%, alcançando a marca de 1,3 milhão de trabalhadores em 2010.

3.2 Indústria de Transformação

A Indústria de Transformação se coloca como principal segmento da Indústria Geral, seja quando se considera a produção, seja quando se observa o estoque de empregados. Os indicadores comentados a seguir aprofundam a discussão sobre o desempenho da atividade nos últimos anos.

3.2.1 Produção Física

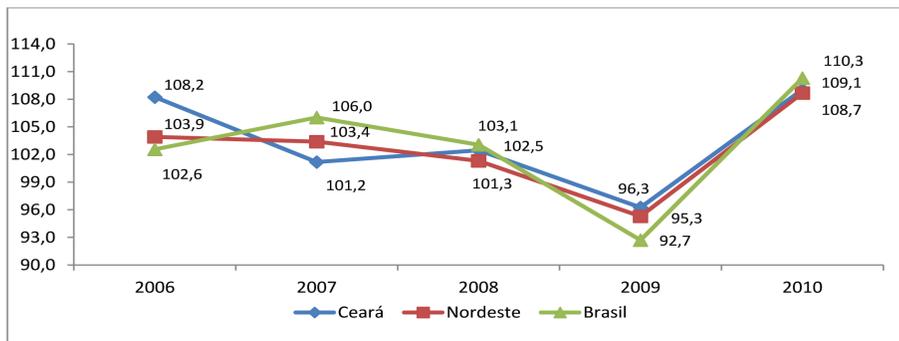
Na passagem de 2009 para 2010 a Indústria de transformação cearense apresentou uma expansão de 9,1% em sua produção física, revertendo o resultado negativo de 3,8% registrado na comparação entre 2009 e 2008³. Os resultados para produção física corroboram o comportamento apresentado pelo valor adicionado e ratificam a recuperação do setor em 2010. As instabilidades de 2009 e os estímulos anticíclicos adotados em 2010, como já comentado, ajudam a compreender o comportamento da atividade no período.

Desempenho semelhante, embora em intensidades distintas, foi observado para indústria no Nordeste e em nível nacional. Do ponto de vista regional, a Indústria de Transformação cresceu 8,7% em 2010, após uma retração de 4,7% em 2009, ambas as comparações com relação ao ano anterior. Já a Indústria de Transformação nacional, para o mesmo tipo de

³ Os resultados são da Pesquisa Industrial Mensal – produção física do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PIM-PF/IBGE)

comparação, registrou movimentos mais intensos, com expansão de 10,3% em 2010 e queda de 7,3% em 2009. O Gráfico 13 traz os resultados.

Gráfico 13 – Produção Física na Indústria de Transformação – Ceará, Nordeste e Brasil - 2006 a 2010 (*)



Fonte: PIMPF/IBGE.

(*) Índice Acumulado, base igual período do ano anterior.

Estruturas industriais diferentes explicam os ritmos distintos da produção diante dos cenários presentes em 2009 e 2010 quando se observa Ceará, Nordeste e Brasil. De fato, caracterizada pela predominância da produção de bens de consumo não duráveis e voltada ao mercado interno, a indústria cearense sentiu relativamente menos os efeitos da crise econômica internacional que atingiu de modo mais forte os setores voltados ao mercado externo e aqueles cujo consumo final de seus produtos é mais dependente da oferta de crédito, como os bens duráveis.

Considerando todo o período, a indústria cearense registrou um crescimento acumulado de 8,8% entre os anos de 2006 e 2010. Para o Nordeste e o Brasil os percentuais foram, respectivamente, de 8,5% e 11,7%. Nos anos analisados, apenas na comparação entre 2009 e 2008 a produção registrou queda, o que não impediu resultados positivos para o período completo.

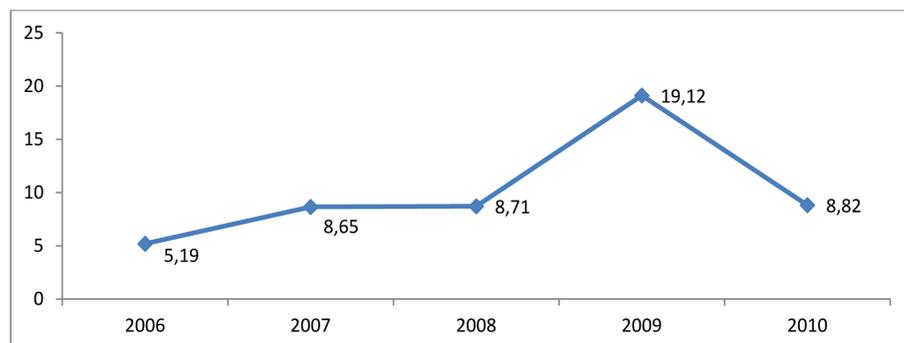
O resultado da Indústria de Transformação foi influenciado pelo desempenho dos segmentos tradicionais na economia cearense. Com contribuições positivas se destacam a Indústria de Alimentos e Bebidas e de Calçados e Artigos de Couro que cresceram entre 2006 e 2010,

respectivamente, 9,8% e 17,4%, influenciado pelo crescimento do mercado interno brasileiro no caso do primeiro e pelas vendas externas no segundo. Por outro lado, as contribuições negativas ficaram por conta da Indústria Têxtil e de Vestuário e Acessórios que registraram taxas negativas de -7,4% e -6,7%, respectivamente. Neste caso, a concorrência interna com produtos importados contribuiu para redução na produção entre 2006 e 2010.

3.2.2 Vendas

Entre os anos de 2006 e 2010, as vendas da Indústria de Transformação cearense cresceram 48,1%. Na passagem de 2009 para 2010, a expansão foi de 8,8%⁴. Como esperado, esses resultados acompanham os números positivos já apresentados para produção. Ver Gráfico 14.

Gráfico 14 – Taxa de Crescimento (%) Real Anual das Vendas da Indústria de Transformação – Ceará - 2006 a 2010



Fonte: INDI/FIEC.

No ano de 2009, em particular, o crescimento foi de 19,1% em relação a 2008, um desempenho expressivo quando se considera o cenário adverso existente em 2009. Uma possível explicativa para tal resultado está nos efeitos positivos das medidas de estímulo ao crédito e ao consumo adotadas como tentativas de mitigar os impactos negativos da crise internacional que se agravava em tal período. Tais medidas, implantadas naquele ano, repercutiram de modo mais imediato nas vendas, afetando em um segundo momento a produção industrial cujos

⁴ Os percentuais refletem taxas de crescimento real. Os dados constam de pesquisa mensal realizada pela Federação das Indústrias do Estado do Ceará intitulada Indicadores Industriais. O levantamento contempla os sete principais setores da Indústria de Transformação no Ceará cobrindo no mínimo 50% dos empregados da Indústria.

efeitos só foram sentidos em 2010.

3.2.3 Comércio Exterior

No *front* externo, as exportações industriais cearenses experimentaram uma recuperação em 2010, com crescimento de 21,3% em relação ao ano anterior. Tal resultado ocorreu após as vendas externas registrarem uma retração de 23,2% entre os anos de 2009 e 2008 como consequência da já mencionada crise internacional. As exportações totais do estado acompanharam o movimento dos produtos industriais, principais itens vendidos ao exterior, e cresceram 17,5% entre 2010 e 2009, após uma queda de 15,4% entre 2009 e 2008. Os dados são apresentados na Tabela 09.

Tabela 9 – Exportações de Produtos Industrializados – Ceará - 2006 a 2010 (*)

Ano	Básicos	Industrializados			Total
		Semimanufaturados	Manufaturados	Total Industrializados	
2006	288.085	168.716	488.902	657.618	961.874
2007	316.422	205.995	603.254	809.251	1.148.358
2008	339.248	258.295	654.189	912.483	1.276.970
2009	362.026	165.357	535.161	700.520	1.080.166
2010	373.669	227.034	622.500	849.535	1.269.497
Participação (%) 2010	29,4%	17,9%	49,0%	66,9%	100,0%
Variação (%) 2006-2010	29,7%	34,6%	27,3%	29,2%	32,0%
Variação (%) 2009-2010	3,2%	37,3%	16,3%	21,3%	17,5%

Fonte: SECEX/MDIC

(*) Valores em US\$ 1.000 FOB.

Entre 2006 e 2010, as exportações dos produtos da indústria acumularam uma expansão de 29,2%, alcançando a soma de US\$ 849,5 milhões no último ano. Neste, os bens industriais concentraram 66,9% das exportações totais, subdivididos em produtos semimanufaturados, com 17,8% de participação nas vendas totais, produtos manufaturados, com participação de 49,0%. No mesmo período, as vendas totais do estado ao exterior cresceram 32,0% atingindo US\$ 1,3 bilhão em 2010.

Associado ao crescimento experimentado pela atividade industrial no estado está o aumento das importações. Entre 2006 e 2010, as compras externas de bens de capital e bens intermediários (destinados à produção industrial) apresentaram um crescimento expressivo e foram as principais responsáveis pelo aumento de 97,5% no valor total importado pelo Ceará no período. Em 2010, as importações totais somaram US\$ 2,2 bilhões e os bens de capital e intermediários concentraram 80,1% deste total. Em 2006, este percentual foi de 53,0% e a mudança até 2010 se deve especialmente ao aumento da participação dos bens de capital. Ver Tabela 10.

Tabela 10 – Importações por Setor de Contas Nacionais - Ceará - 2006 a 2010

Ano	Básicos	Industrializados			Total
		Semimanufaturados	Manufaturados	Total Industrializados	
2006	288.085	168.716	488.902	657.618	961.874
2007	316.422	205.995	603.254	809.251	1.148.358
2008	339.248	258.295	654.189	912.483	1.276.970
2009	362.026	165.357	535.161	700.520	1.080.166
2010	373.669	227.034	622.500	849.535	1.269.497
Participação (%) 2010	29,4%	17,9%	49,0%	66,9%	100,0%
Variação (%) 2006-2010	29,7%	34,6%	27,3%	29,2%	32,0%
Variação (%) 2009-2010	3,2%	37,3%	16,3%	21,3%	17,5%

Fonte: SECEX/MDIC.

(*) Valores em US\$ 1.000 FOB.

3.2.4 Emprego

Como visto no início da seção, segundo a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), o estoque de empregos formais na indústria de transformação registrou um crescimento de 6,1% entre os anos de 2010 e 2009, e de 28,7% no período 2006 a 2010, atingindo o total de 251,4 mil indivíduos no último ano. Neste, a Indústria Têxtil, a de Calçados e a de Alimentos e Bebidas concentraram, em conjunto,

70,4% do estoque total de trabalhadores, se colocando como maiores empregadores.

Considerando estes principais segmentos, na passagem de 2009 para 2010, a Indústria Têxtil apresentou um crescimento de 7,6%, o maior dentre eles. O mesmo ocorreu quando se considerou os anos de 2006 a 2010, quando a taxa de crescimento foi de 35,0%. Em todo o período, a Indústria de Calçados acumulou um aumento de 31,1% no número de trabalhadores, ao passo que para o segmento Alimentos e Bebidas a taxa foi de apenas 7,5%. Ver Tabela 11.

Tabela 11 – Número de Empregados Formais na Indústria de Transformação – Ceará - 2006 - 2010

Setores da Indústria de Transformação	2006	2007	2008	2009	2010	Var. % 2010/2009	Var. % 2010/2006	Part. % 2010
Indústria de Transformação	195.288	208.149	215.542	236.851	251.357	6,1%	28,7%	100,0%
Indústria Têxtil	52.598	58.046	62.706	65.969	71.006	7,6%	35,0%	28,2%
Indústria Calçados	48.498	52.962	49.832	62.365	63.562	1,9%	31,1%	25,3%
Alimentos e Bebidas	39.364	39.168	40.782	43.415	42.331	-2,5%	7,5%	16,8%
Indústria Metalúrgica	9.139	10.286	11.395	12.774	14.425	12,9%	57,8%	5,7%
Indústria Química	10.520	10.815	11.498	12.061	13.090	8,5%	24,4%	5,2%
Produtos Mineral Não Metálico	8.637	9.323	9.976	10.324	12.041	16,6%	39,4%	4,8%
Papel e Gráfica	6.241	6.682	7.004	7.656	8.359	9,2%	33,9%	3,3%
Madeira e Mobiliário	6.308	6.261	6.614	6.918	8.066	16,6%	27,9%	3,2%
Borracha, Fumo, Couros	6.235	6.614	6.626	6.392	7.706	20,6%	23,6%	3,1%
Indústria Mecânica	3.701	3.981	3.831	3.876	4.683	20,8%	26,5%	1,9%
Material de Transporte	2.310	2.505	3.000	3.125	4.193	34,2%	81,5%	1,7%
Material Elétrico e Comunicação	1.737	1.506	2.278	1.976	1.895	-4,1%	9,1%	0,8%

Fonte: RAIS/MTE.

Uma informação adicional para entender o dinamismo do mercado de trabalho no tocante ao setor manufatureiro é fornecida pela evolução do ritmo de geração de empregos com 'carteira assinada', medida pelo saldo entre a quantidade de admitidos e de desligados em um

determinado espaço de tempo. Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), a indústria cearense criou entre os anos de 2006 e 2010 uma média de 11,9 mil novas vagas formais de emprego ao ano, com destaque para os anos de 2009 e 2010 cujo saldo foi, respectivamente, de 21,1 mil e 12,2 mil postos de trabalho. Dentre os setores, destaque para a indústria Têxtil e Vestuário e a de Calçados com bons resultados tanto para os anos de 2009 e 2010, quanto para as médias anuais superiores a 3,5 mil vagas abertas⁵. Ver Tabela 12.

Tabela 12 – Evolução no Saldo de Empregos Formais na Indústria de Transformação – Ceará - 2006 a 2010

Setores da Indústria de Transformação	2006	2007	2008	2009	2010
Total Economia	33.560	39.722	41.441	64.436	72.787
Indústria de transformação	6.597	13.340	6.716	21.130	12.195
Borracha, fumo, couros	-262	472	-237	-221	922
Calçados	2.852	3.753	-2.750	12.707	1.633
Madeira e mobiliário	370	296	234	313	778
Material elétrico e comunicação	-417	51	89	47	-19
Material transporte	20	206	291	126	365
Indústria Mecânica	-56	644	82	-155	452
Indústria Metalúrgica	1.151	905	1.007	1.279	1.220
Papel e Gráficas	176	454	274	306	578
Alimentos e bebidas	1.522	625	2.107	2.601	-14
Produtos minerais não metálicos	445	542	290	100	1.556
Indústria Química	556	525	580	574	487
Indústria Têxtil	240	4.867	4.749	3.453	4.237

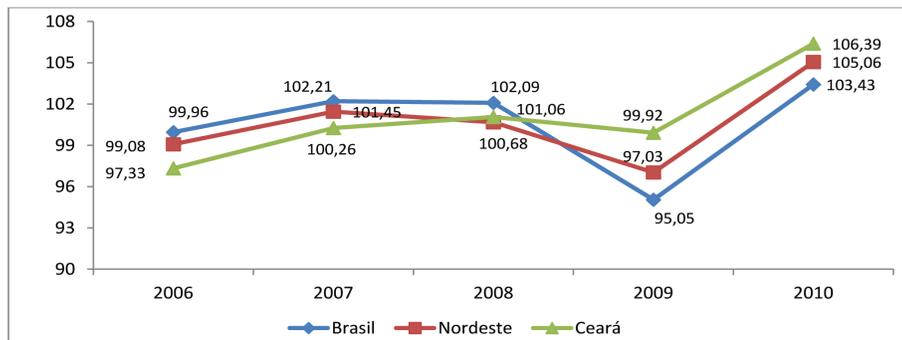
Fonte: CAGED/MTE.

Por fim, cabe analisar o comportamento do mercado de trabalho considerando a evolução do pessoal ocupado e da folha de pagamento real a partir dos dados da Pesquisa Industrial Mensal de Empregos e

⁵ Algumas considerações sobre as bases de dados para emprego do Ministério do Trabalho (MTE), a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED): a) RAIS e CAGED são cadastros administrativos distintos, mas complementares; b) o Caged considera apenas o universo celetista, enquanto que a Rais é mais abrangente; c) os resultados anuais para o estoque de empregados da RAIS e do CAGED podem ser distintos, o que se deve, dentre outros motivos, ao tipo de informação observada, ao grau de cobertura dos empregadores, a ao respeito aos prazos de repasse das informações ao ministério; d) anualmente, os estoques são ajustados, com o resultado sendo disponibilizado pela RAIS. Para maiores detalhes consultar as NT's/MTE 052/2002, 080/2010, 082/2011, 083/2011, 084/2011.

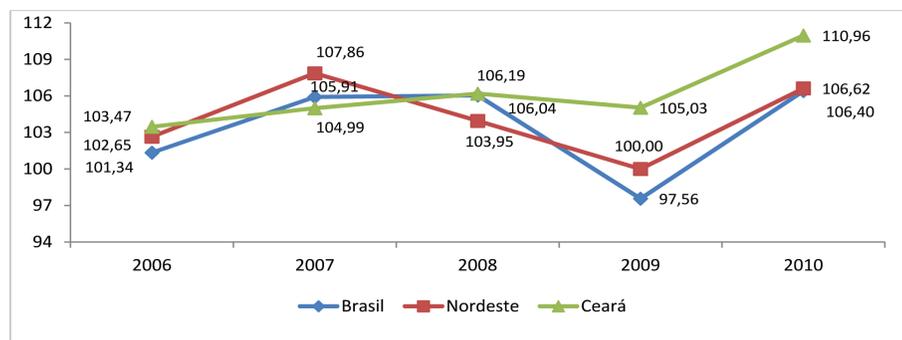
Salários (PIMES/IBGE)⁶. Os gráficos 15 e 16 comparam os indicadores entre Ceará, Nordeste e Brasil.

Gráfico 15 - Evolução no Pessoal Ocupado na Indústria de Transformação – Ceará, Nordeste e Brasil - 2006 a 2010



Fonte: PIMES/IBGE.

Gráfico 16 - Evolução da Folha de Pagamento Real na Indústria de Transformação – Ceará, Nordeste e Brasil - 2006 a 2010



Fonte: PIMES/IBGE.

Como pode ser visto, em ambos os indicadores a indústria cearense apresentou taxas de crescimento maiores tanto para os anos 2009 e 2010, como para o acumulado do período, 2006 a 2010. Nesta última comparação, o destaque é a expansão da folha de pagamento real com uma taxa de 32,7% para indústria cearense refletindo uma melhora nos salários pagos em um ritmo superior ao Nordeste (25,7%) e ao Brasil (21,6%). Quanto ao pessoal ocupado, o crescimento acumulado foi de 6,0% para o Ceará, 5,6% para o Nordeste e 3,6% para o país.

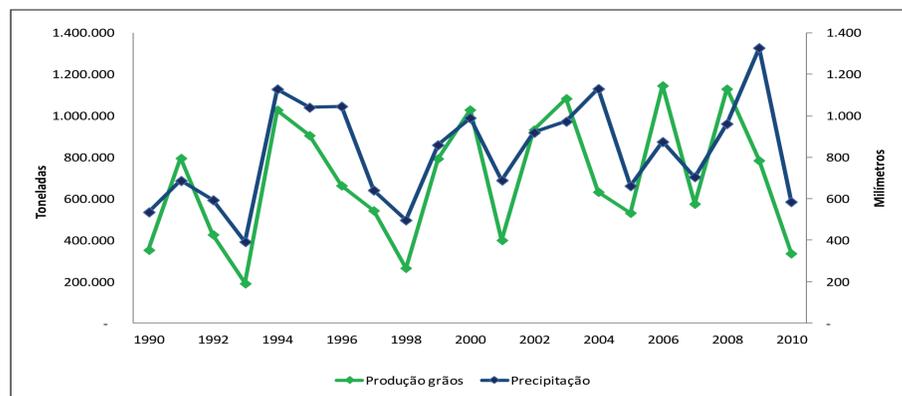
⁶ Diferente da RAIS e do CAGED, a PIMES é uma pesquisa junto às empresas e não um registro administrativo. A metodologia diferente permite uma leitura complementar da situação do emprego na indústria cearense.

4. AGRONEGÓCIO

4.1 Setor Agropecuário do Ceará

O Ceará tem vivenciado um significativo crescimento da agricultura irrigada comandada por empresas focadas na exportação e apoiadas pelo setor público com políticas, programas e projetos específicos. Ainda assim, a agricultura de sequeiro é o principal responsável pelo desempenho da agricultura cearense, representada principalmente pelas lavouras temporárias, cujas estimativas parciais da safra anual são cercadas de grande interesse por parte dos agentes econômicos, públicos e privados, e demais setores da sociedade. A vulnerabilidade desse segmento produtivo é o principal fator de incertezas, refletida em oscilações bruscas das safras entre os anos, ocasionadas pelas irregularidades climáticas.

Gráfico 17 – Produção de Grãos e Precipitação Pluviométrica - Ceará, 1990 a 2010



Fonte: IBGE e FUNCEME.

Mais especificamente, a relevância da produção de sequeiro está relacionada à produção de grãos, a qual é pulverizada por um grande número de pequenos produtores em todo o estado e, assim, tem grande importância socioeconômica. A análise a seguir considera o período de 2006 a 2010 a partir de médias móveis de três anos, no intuito de abstrair os efeitos das irregularidades climáticas anuais sobre a produção dos principais produtos. Além da produção de grãos, também

serão analisadas a produção de frutas e outros importantes itens da agricultura cearense, como também os principais produtos pecuários.

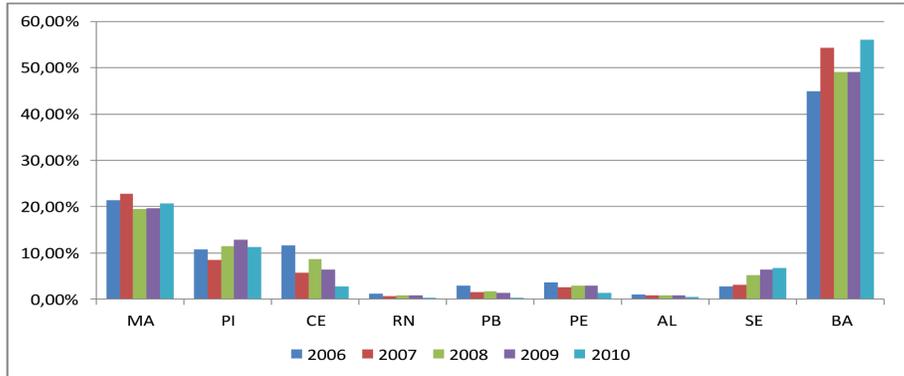
4.2 Grãos

O comportamento da produção de grãos, entre 2006 e 2010, reflete bem as oscilações características da produção agrícola do Ceará a partir das irregularidades climáticas, resultando em safra recorde no ano de 2006 seguida de movimentos contrários nos dois anos seguintes, quando em 2008 o bom resultado quase consegue repetir o recorde alcançado anteriormente. A partir de então, com as chuvas excessivas em 2009 e a estiagem de 2010, observou-se dois anos de perdas de safra, em que o último foi o de maiores perdas.

O recorde da safra de grãos no Ceará em 2006 foi obtido com a produção de 1,15 milhão de toneladas, enquanto no ano seguinte houve redução de aproximadamente 50,0% na safra. O bom desempenho em 2008 possibilitou a produção de 1,13 milhão de toneladas, muito próximo ao melhor resultado já obtido, o que contrasta com as duas quebras seguidas de safra nos anos seguintes, de 30,3% e 56,9%, equivalentes à produção de 789,3 mil toneladas em 2009 e 340,3 mil toneladas em 2010.

De forma contrária, o comportamento das safras no Nordeste teve tendência crescente com menores alterações, sustentado, principalmente, pelo destacado desempenho da Bahia e, mais recentemente, Piauí e Maranhão na produção de soja, levando esses estados a serem os principais atores da produção de grãos da Região. Tal fato explica a queda da participação do Ceará na produção de grãos da região, passando de 11,6% em 2006 para 2,8% em 2010, destacando-se que além da Bahia, Maranhão e Piauí, Sergipe vem apresentando bom desempenho, com crescimento contínuo na participação da safra regional.

Gráfico 18 – Participação (%) Estadual na Produção de Grãos do Nordeste, 2006 a 2010



Fonte: IBGE

4.2.1 Milho

A produção de milho representa, em média, 62,8% da produção de grãos do Estado, o que lhe atribui incontestável importância econômica no setor agrícola e para a indústria de transformação voltada, principalmente, à alimentação humana e animal. Vale ressaltar que o milho, atualmente, tem grande notoriedade na produção de biocombustíveis o que lhe projetou como *commodity* estratégica no mercado global que, apesar de não ser a finalidade da produção do Ceará, esse é indiretamente afetado pela influência da demanda internacional sobre os preços, visto que o Ceará, principalmente em anos de quebra de safra, é abastecido pelos grandes Estados produtores desse grão e pelos estoques públicos.

Em 2006, dadas as boas condições climáticas que permitiram recorde na safra de grãos, a produção de milho no Ceará representou 24,0% da produção do Nordeste, ao passo que se verificou queda da participação nos anos seguintes, com recuperação em 2008, chegando a 4,2% em 2010. A Bahia se destaca com a maior produção de milho da região, respondendo por 53,7% da produção em 2010.

A produção de milho alcançou 760,2 mil toneladas em 2006 distribuídas em todos os municípios do Estado, dos quais se destacam como maiores produtores os municípios do Cariri/Centro Sul e Sertão dos Inhamuns. A baixa produção em 2010, com 175 mil toneladas, distribuiu-se

principalmente nas Regiões Cariri/Centro Sul e Sertão Central. O município de Mauriti mais uma vez desponta como o principal produtor do Estado.

Tabela 13 – Principais Municípios Produtores de Milho no Ceará, 2006 e 2010

Rank	2006		2010	
	Município	Participação	Município	Participação
1	Mauriti	6,63%	Mauriti	5,50%
2	Crateús	3,90%	Boa Viagem	4,50%
3	Canindé	3,43%	Mombaça	3,94%
4	Milagres	2,96%	Pedra Branca	3,62%
5	Novo Oriente	2,63%	Araripe	2,96%
6	Tauá	2,11%	Brejo Santo	2,67%
7	Brejo Santo	2,04%	Santana do Cariri	2,64%
8	Independência	1,99%	Baturité	2,38%
9	Santa Quitéria	1,80%	Iguatu	2,36%
10	Pedra Branca	1,74%	Santana do Acaraú	2,14%

Fonte: IBGE

Como consequência da redução da produção a produtividade apresentou igual desempenho, passando de 1,2 tonelada/hectare em 2006 para 0,3 tonelada/hectare em 2010. A posição dos municípios nesse quesito difere da produção, visto que em 2006 o município que apresentou a maior produtividade foi Santa Quitéria, com 6,6 toneladas/hectare, seguida por Limoeiro do Norte, 3,6 toneladas/hectare, Porteiras, 2,6 toneladas/hectare, Mauriti e Nova Olinda, com 2,5 toneladas/hectare, os quais elevaram a média da produtividade estadual, visto que 118 municípios tiveram produtividade abaixo da média do Estado, dentre os quais Catarina obteve o pior desempenho, 360 quilos/hectare.

Como principal item da produção de grãos em 2010 o milho puxou a produtividade média do Ceará para baixo, com Limoeiro do Norte apresentando a maior produtividade, 2,9 toneladas/hectare, seguida por Itaiçaba, 1,4 tonelada/hectare, Baturité e Araripe, 1,0 tonelada/hectare e Piquet Carneiro, 900 quilos/hectare.

4.2.2 Feijão

Como segundo mais importante item da produção de grãos do Estado, o feijão apresentou uma participação média de 21,5% entre 2006 e 2010. A produção de feijão do Ceará tem grande participação na produção do Nordeste, ficando em torno de 20,0%, embora em anos de estiagem essa participação reduza significativamente, como observado em 2010, cuja produção respondeu por 13,6% da região frente aos 24,2% em 2006. A Bahia tem apresentado crescimento na produção de feijão e se firmado como principal produtor da região, com 51,6% da produção em 2010, frente aos 34,3% em 2006.

No Ceará a produção desta leguminosa também se encontra distribuída por todos os municípios, sendo que os municípios que mais se destacaram em 2006 foram Boa Viagem, 3,4% de participação, Morada Nova, 3,3%, Tauá, 3,0%, Parambu, 2,7%, Mauriti, 2,5%, Crateús e Canindé, 2,4%, e Santa Quitéria, 2,2%. Em 2010, frente à situação de perda de safra os municípios que tiveram melhor desempenho foram Santa Quitéria, com participação de 4,7%, Boa Viagem, 3,5%, Canindé, 2,5%, Brejo Santo e Granja, 2,1%, e Limoeiro do Norte, 2,0%.

Nota-se que a produtividade do feijão responde às irregularidades climáticas, no entanto, as variações são menores, saindo de 500 quilos/hectare em 2006 para 200 quilos/hectare em 2010. Observando os municípios, em 2006, Limoeiro do Norte obteve a maior produtividade da produção de feijão com 910 quilos/hectare, seguido por São João do Jaguaribe e Barreira, 820 quilos/hectare, e Madalena, 810 quilos/hectare. Nesse ano Arneiroz obteve a menor produtividade, 200 quilos/hectare. Em 2010, Porteiras obteve a maior produtividade, 880 quilos/hectare, semelhante a Limoeiro do Norte, 870 quilos/hectare, que vem à frente de Jaguaruana, 800 quilos/hectare, enquanto Tauá, Crateús, Irauçuba, Marco e Bela Cruz obtiveram apenas 20 quilos/hectare.

4.2.3 Arroz

A produção de arroz representa, em média, 12,0% da produção de grãos do Ceará, com 100,2 mil toneladas produzidas em 2006 e 63,9 mil toneladas em 2010, acumulando, em média, 96,4% da produção

de grãos na soma com milho e feijão. A participação do Ceará na produção de arroz do Nordeste se mostra mais regular, visto que em 2006 representou 9,0% do total da região e em 2010 passou para 7,2%, ou seja, em anos com condições caracteristicamente opostas para a produção agrícola a participação não mostrou grande variação. O Maranhão se destaca como principal produtor de arroz da região, respondendo por 62,0%, em média.

Os municípios que apresentaram as maiores produções em 2006 foram Morada Nova, com participação de 14,7%, Iguatu, 8,5%, Várzea Alegre, 8,3%, Limoeiro do Norte, 7,8% e Quixelô, 6,4%, ressaltando que nesse ano foram registrados 98 municípios com produção de arroz. Em 2010, Morada Nova confirma sua liderança, com participação de 30,3%, seguido por Limoeiro do Norte, com 14,4%, Jaguaruana, 11,6%, Iguatu, 9,9% e Quixelô, 4,7%, havendo produção em 94 municípios. Em relação à produtividade, no ano de 2006 o Ceará obteve 3,1 toneladas/hectare, com sete municípios, Morada Nova, Limoeiro do Norte, Jaguaruana, Quixeré, Tabuleiro do Norte, Russas e São João do Jaguaribe, obtendo os melhores desempenhos com 6 toneladas/hectare, enquanto em 2010 o Ceará apresentou produtividade média de 2,3 toneladas/hectare, destacando-se Tabuleiro do Norte, com 6,5 toneladas/hectare, São João do Jaguaribe, 6,4 toneladas/hectare, Russas, 6,3 toneladas/hectare, Jaguaruana e Quixeré, 6,2 toneladas/hectare.

4.2.4 Demais Grãos

A produção de mamona evoluiu, no entanto, a resposta aos incentivos para a produção ficou abaixo do esperado, com uma produção de 4,9 mil toneladas em 2010, que representa um crescimento de 12,5% em relação a 2006. Dentro desse período as maiores produções ocorreram em 2008, com 8,0 mil toneladas, e 2009, com 7,9 mil toneladas. Com a mesma finalidade de abastecer a produção de biodiesel e sob incentivos de programas públicos, a partir de 2008 iniciou-se a produção de girassol, não alcançando volume significativo.

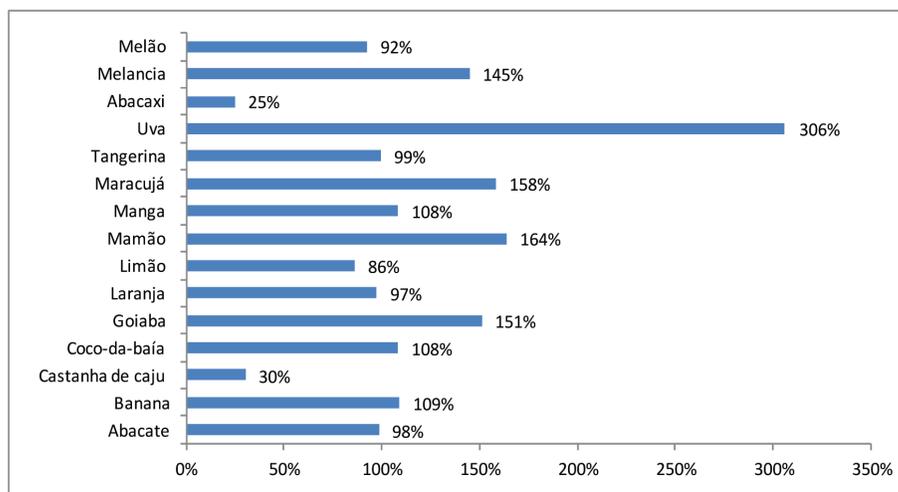
O algodão, que perdeu sua posição de destaque no setor agrícola

do Ceará ao longo das últimas décadas, entre 2006 e 2010 continua apresentando uma tendência de queda com redução de 78,3%. A produção de sorgo, importante na alimentação animal, também apresenta tendência de queda no período, com redução de 69,5%.

4.3 Fruticultura

A produção de frutas no Ceará teve uma evolução positiva, nos últimos anos, com o apoio de programas governamentais e a instalação de grandes empresas com foco na fruticultura irrigada voltada para exportação em perímetros irrigados. Conforme o Gráfico _ a maioria das frutas teve um crescimento próximo ou acima de 100,0%, com destaque para a produção de uva, mamão, maracujá, goiaba e melancia. Por outro lado, abacaxi e castanha de caju tiveram crescimentos modestos da produção, valendo ressaltar que apesar da influência da irrigação as condições climáticas também influenciam o desempenho dessas culturas, seja pelo excesso de chuvas, em culturas mais sensíveis, ou pela escassez, em culturas não irrigadas, como no caso da castanha de caju.

Gráfico 19 – Crescimento Percentual da Produção de Frutas no Ceará entre 2006 e 2010



Fonte: IBGE

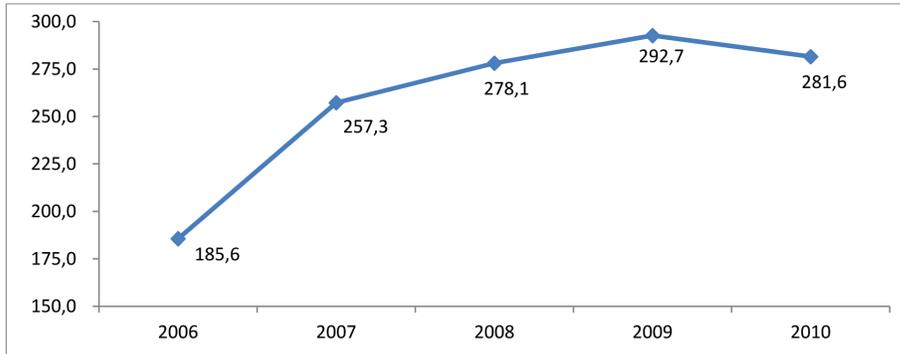
Além disso, em se tratando de cultivos empresariais, a produção passa

a ser uma decisão estratégica da firma, que leva em consideração fatores como lucratividade, disponibilidade de mão-de-obra, incentivos governamentais, os quais podem levar ao deslocamento da produção para outras regiões, afetando diretamente a produção do Estado.

O crescimento da produção das culturas não reflete a importância dessas, em termos de valor, visto que a maior produção em 2010 foi da banana, com participação de 29,0%, com R\$ 212,5 milhões em valores nominais, o que significa um aumento da participação dessa fruta na produção total de frutas, dado que em 2006 sua participação era 22,6%. A segunda maior participação em 2010 foi do maracujá, 16,3%, seguido pelo melão, 14,2%, o qual perdeu participação em relação a 2006, quando tinha 19,2% da produção. A uva que teve expressivo crescimento da produção ainda tem uma participação pequena no valor produzido total de frutas, com 2,2% em 2010, enquanto o abacaxi, com seu desempenho pouco expressivo, reduziu a participação de 7,8% para 1,9%.

A castanha de caju, tradicional produto de exportação do Estado, apresentou um desempenho tímido no período, corroborando a afirmação de produtores sobre a existência de uma crise no setor, ocasionada por preços não remuneratórios que inviabilizam a atividade, resultando em falta de lucratividade, ausência de capacidade de investimento e, conseqüentemente, queda da produção.

A exportação de frutas nesse período tem mostrado uma desaceleração a partir de 2007 com uma retração em 2010, conforme mostra o Gráfico 20, influenciada, também, pela crise econômica que veio à tona nos Estados Unidos em 2008 contaminando a economia global. Ainda assim, as exportações de frutas no Estado cresceram 51,7% entre 2006 e 2010, enquanto as exportações de castanha de caju tiveram comportamento irregular, o que se explica em parte pelos fatos comentados anteriormente, influência climática sobre essa cultura e crise do setor.

Gráfico 20 – Exportação de Frutas no Ceará, 2006 a 2010 (*)

Fonte: SECEX/MDIC

(*) Valores em US\$ milhão FOB.

4.4 Outras Culturas

A mandioca tem um papel importante na produção agrícola, especialmente familiar, e ao longo de sua cadeia produtiva chegando à indústria de transformação. Entre 2006 e 2010 houve uma redução de 28,0% na produção do Ceará, a qual se mantém relativamente constante na participação da produção do Nordeste, em média 8,4%. A Bahia é o principal produtor desse item, tendo representado 40,0% da produção da região em 2010, enquanto o Maranhão fica com a segunda participação, 19,0%.

A produção de cana de açúcar obteve um crescimento de 42,6% entre 2006 e 2010, chegando a 2,3 milhões de toneladas, ocupando a 6ª posição em termos de Valor Bruto da Produção – VBP, com 7,9% de participação, ficando atrás da banana, com participação de 14,6%, feijão, 13,6%, mandioca, 8,3%, maracujá, 8,2% e tomate, 7,9%.

4.5 Pecuária

O rebanho que mais cresceu no Ceará entre 2006 e 2010 foi o bubalino, com aumento de 80,5% no efetivo, enquanto o número de aves, considerando galos, frangas, frangos, pintos, galinhas e codornas, cresceu 12,7%. Os rebanhos mais tradicionais cresceram em menor proporção, bovino e caprino, 8,2%, e ovino, 7,0%. O abate de frangos,

por sua vez, cresceu 332,0%, enquanto o abate bovino cresceu 2,9% e o abate de suínos apresentou queda de 4,0% entre 2006 e 2010.

Apesar de também ser afetada pelas condições climáticas, em função da disponibilidade de pasto e insumos da alimentação, especialmente milho, a produção pecuária se mostra menos vulnerável, de modo que a produção de leite no mesmo período cresceu 16,9%, sendo que o volume de leite industrializado cresceu 56,2%, enquanto a produção de ovos de galinha cresceu 23,5%. A produção de mel, que tem apresentado um crescimento substancial nos últimos anos, teve um resultado negativo em 2010, com redução de 41,7% em relação a 2009, no entanto, em relação a 2006 a redução foi de 9,6%. A produção de mel do Ceará, em 2010, foi de 2,76 mil toneladas, que representa um declínio na participação do Nordeste, com 21,0%, visto que em 2009 essa participação foi de 31,3%.

Uma possível explicação para o melhor desempenho da pecuária em relação à agricultura é que a grande maioria dos pecuaristas, muitas vezes dispendo de mais capital, empreendem maiores recursos para manutenção de seu rebanho e para garantir a produção.

4.6 Outros Aspectos da Agropecuária Cearense

A agropecuária do Ceará, apesar de sua vulnerabilidade, é um setor importante do ponto de vista social e econômico, com uma participação média de 5,6% no PIB do Estado, entre 2006 e 2009. Do ponto de vista social é responsável por grande número de geração de postos de trabalho, além de prover a alimentação de uma considerável parcela da população e abastecer a indústria.

O setor gerou 118.674 empregos formais entre 2006 e 2010, com uma média de 23,7 mil empregos ao ano, o que representa 2,1% do total de empregos gerados no Estado, no entanto, deve-se ressaltar que o grau de informalização da mão de obra nesse setor é bastante elevada, o que implica em um número representativamente maior de postos de trabalho gerados.

5. COMÉRCIO EXTERIOR

As exportações cearenses em 2006 somaram o valor de US\$ 961,9 milhões, enquanto que em 2010 o valor foi de US\$ 1.269,5 milhões, representando um crescimento de 31,98% nesse período. Para a Região Nordeste, observou-se que as exportações, no período compreendido entre 2006 a 2010, cresceram 36,45%. Para esse mesmo período, as vendas externas brasileiras registraram aumento de 46,52% (Tabelas 14 e 15).

Tabela 14 – Balança Comercial CE/NE/BR – 2006 – 2010 (*)

Descrição	2006		
	CEARÁ	NORDESTE	BRASIL
Exportação	961.874	11.629.126	137.807.470
Importação	1.098.177	8.854.754	91.350.841
Saldo	-136.303	2.774.372	46.456.629
Corrente do Comércio	2.060.052	20.483.879	229.158.310
Descrição	2010		
	CEARÁ	NORDESTE	BRASIL
Exportação	1.269.499	15.867.654	201.915.285
Importação	2.169.201	17.585.542	181.768.427
Saldo	-899.702	-1.717.888	20.146.858
Corrente do Comércio	3.438.699	33.453.196	383.683.713

Fonte: SECEX/MDIC.

* Valores em US\$ 1.000 FOB

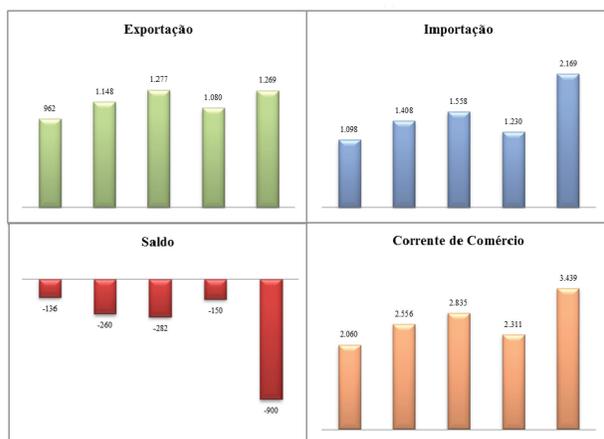
Com relação às importações cearenses, em 2006 o valor foi de US\$ 1.098,2 milhões, ao passo que, em 2010 a quantia quase duplicou atingindo o valor de US\$ 2.169,8 milhões. As importações realizadas pela região Nordeste apresentaram variação maior do que a variação do Estado do Ceará entre os anos de 2006 e 2010, 98,60% e 97,53%, respectivamente. Para o Brasil, as importações registraram crescimento de 98,98% entre os anos de 2006 e 2010 (Tabelas 14 e 15).

Tabela 15 – Taxa de Crescimento da Balança Comercial CE/NE/BR – 2006 – 2010

Local	Exportação	Importação	Saldo	Corrente do comércio
Ceará	31,98	97,53	560,07	66,92
Nordeste	36,45	98,60	-161,92	63,31
Brasil	46,52	98,98	-56,63	67,43

Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE.

Quando se observa o movimento do Comércio Exterior do Ceará dos anos 2006 a 2010, verifica-se uma tendência crescente tanto das exportações como importações, excluindo-se o ano de 2009, que foi um ano posterior a uma grande crise internacional que impactou nas relações comerciais entre os países (Gráfico 21).

Gráfico 21 – Comércio Exterior do Ceará - 2006 - 2010 (*)

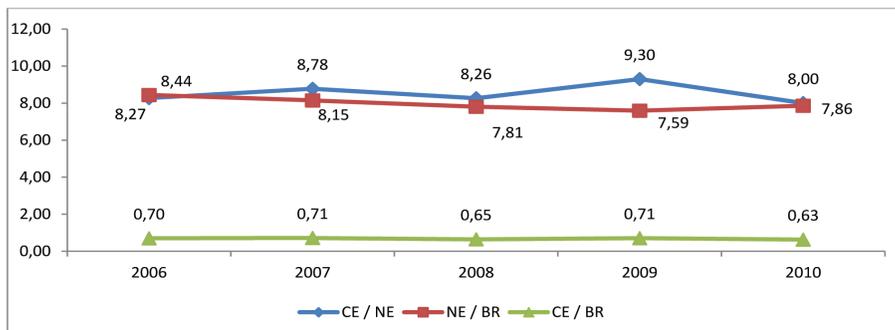
Fonte: SECEX/MDIC.

* Valores em US\$ 1.000 FOB

O Estado do Ceará mostra uma pequena queda de participação das exportações entre o período analisado, sendo observada pela participação do Ceará no Nordeste que era de 8,27% em 2006 e passando para 8,00% no ano de 2010. Isso pode ser justificado pelo crescimento das exportações dos demais estados nordestinos serem superior ao crescimento das exportações Cearenses. Quando a comparação é feita em nível do Brasil, as exportações cearenses

passaram a representar 0,63% no ano de 2010 contra 0,70% no ano de 2006. Mesmo quando se refere à participação do Nordeste no Brasil houve redução entre 2006 (8,44%) e 2010 (7,86%) (Gráfico 22).

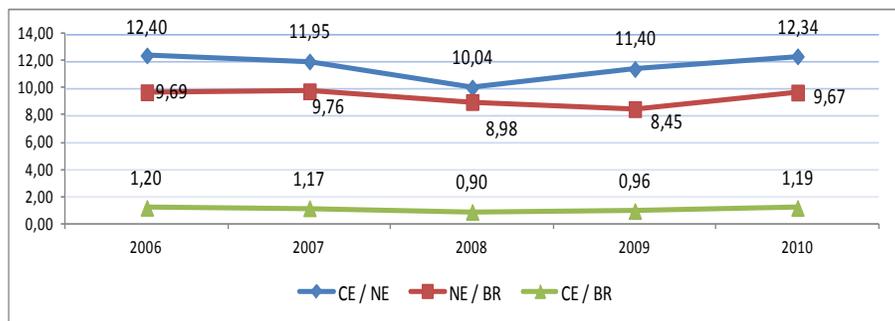
Gráfico 22 – Evolução da Participação (%) das Exportações – Ceará, Nordeste e Brasil - 2006 - 2010



Fonte: SECEX/MDIC.

As importações do Ceará possuem uma modesta participação nas importações brasileiras. Em 2006, a participação era de 1,20% no total brasileiro, mantendo-se próximo desse valor ao longo dos cinco anos em análise (Gráfico 22). A representatividade das importações cearenses na Região Nordeste mantém também um comportamento uniforme nos anos de 2006 a 2010, com participação em torno de 12%. A Região Nordeste em 2010 foi responsável por 9,67% do total das importações realizadas pelo Brasil (Gráfico 23).

Gráfico 23 – Evolução da Participação (%) das Importações – Ceará, Nordeste e Brasil - 2006 - 2010



Fonte: SECEX/MDIC.

5.1 Produtos

Embora os Calçados e partes sejam os produtos com maior participação na pauta de exportação do Estado tanto em 2006 (24,74%) como em 2010 (31,78%), os Produtos Alimentícios foram os que tiveram maior variação no período analisado (255,95%).

A Castanha de Caju, que aparece como o segundo principal produto exportado, quando se analisa por setores agregados, mantém sua participação em torno de 14% em ambos os anos.

Os produtos Têxteis reduziram sua participação na pauta de produtos exportados, passando a representar apenas 5,57% em 2010, resultado principalmente da variação negativa de -42,89% entre os anos de 2006 e 2010. Juntos, os dez principais produtos exportados representam quase 91% do total exportado pelo Estado do Ceará no ano de 2010 (Tabela 16).

Tabela 16 – Principais Produtos Exportados pelo Ceará – 2006 – 2010

Produtos Selecionados	2006 (*)	Part. %	2010 (*)	Part. %	Var. %
Calçados e Partes	237.938.801	24,74	403.466.381	31,78	69,57
Castanha de caju	136.161.486	14,16	182.015.701	14,34	33,68
Couros e Peles	131.366.102	13,66	165.874.620	13,07	26,27
Frutas (exclusive castanha de caju)	49.484.380	5,14	99.538.394	7,84	101,15
Têxteis	123.758.807	12,87	70.676.802	5,57	-42,89
Lagostas	37.620.672	3,91	59.607.073	4,70	58,44
Produtos Alimentícios	13.210.124	1,37	47.021.661	3,70	255,95
Consumo de Bordo	16.056.188	1,67	46.292.420	3,65	188,32
Ceras vegetais	24.889.174	2,59	43.629.881	3,44	75,30
Produtos Metalúrgicos	42.724.648	4,44	35.173.354	2,77	-17,67
Demais Produtos	148.664.033	15,46	116.202.264	9,15	-21,84
Ceará	961.874.415	100,00	1.269.498.551	100,00	31,98

Fonte: SECEX/MDIC.

(*) Valores em US\$ FOB

Os produtos metalúrgicos, com destaque para laminados de ferro/aço, sempre estiveram presentes na pauta de importação cearense, estando na 1ª posição do *ranking* em 2010. No período de 2006 a 2010, o Ceará aumentou 226,7% às importações de produtos metalúrgicos, encerrando o ano de 2010 com valor de US\$ 554,8 milhões.

Outro grupo muito importante na pauta de importação do Estado são o grupo de Máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos, estes registraram um aumento de 494,29% no período de 2006 a 2010. Também merecem destaques, as importações de automóveis e outros veículos terrestres e suas partes, e, Aeronaves e aparelhos espaciais e suas obras que cresceram 237,2% e 1.409,9%, respectivamente, no período analisado (Tabela 17).

Tabela 17 – Principais Produtos Importados pelo Ceará – 2006 – 2010

Produtos e Itens Selecionados	2006 (*)	Part. %	2010 (*)	Part. %	Var %
Produtos Metalúrgicos	169.809.672	15,46	554.788.215	25,58	226,71
Combustíveis minerais, materiais betuminosas	482.901.068	43,97	394.773.062	18,20	-18,25
Máquinas, equipamentos, aparelhos e mat. elétricos	65.683.335	5,98	390.351.184	18,00	494,29
Trigo	98.799.960	9,00	189.063.842	8,72	91,36
Têxtil	81.843.174	7,45	167.231.199	7,71	104,33
Produtos químicos	49.437.749	4,50	128.969.219	5,95	160,87
Plásticos e suas obras	40.834.903	3,72	57.327.883	2,64	40,39
Automóveis e outros veíc. terrestres e suas partes	12.289.621	1,12	41.444.650	1,91	237,23
Aeronaves e aparelhos espaciais e suas obras	2.435.478	0,22	36.773.710	1,70	1409,92
Aparelhos médicos, ópticos e de precisão	11.430.893	1,04	27.926.540	1,29	144,31
Demais Produtos	82.711.604	7,53	180.551.293	8,32	118,29
Ceará	1.098.177.457	100,00	2.169.200.797	100,00	97,53

Fonte: SECEX/MDIC.

(*) Valores em US\$ FOB

5.2 Países

Os Estados Unidos sempre foram o principal parceiro para as exportações cearenses, considerando os anos de 2006 e 2010, respondendo por aproximadamente 30% do total exportado pelo Estado. Dentre os principais produtos vendidos aos EUA, destacam-se Castanha de Caju, Lagostas, Couros e Peles, e os Calçados e suas partes.

Não houve grandes mudanças nos destinos das exportações do Ceará nesse período, permanecendo Argentina, Reino Unido, Itália e Holanda entre os cinco principais destinos (Tabela 18). A China desponta dentre os dez principais destinos das exportações cearenses em 2010, sendo artigos de couro e peles, o principal produto exportado.

Tabela 18 – Principais Destinos das Exportações do Ceará – 2006 – 2010

2006			2010		
Países	US\$ (Fob)	Part.%	Países	US\$ (Fob)	Part.%
1. Estados Unidos	283.685.813	29,49	1. Estados Unidos	375.915.302	29,61
2. Argentina	95.283.230	9,91	2. Argentina	123.958.122	9,76
3. Itália	70.633.323	7,34	3. Reino Unido	120.641.514	9,50
4. Países Baixos (Holanda)	52.861.639	5,50	4. Itália	68.322.363	5,38
5. Reino Unido	50.377.811	5,24	5. Países Baixos (Holanda)	65.965.751	5,20
6. Espanha	35.932.905	3,74	6. Provisão de Navios e Aeronaves	44.254.449	3,49
7. México	33.972.186	3,53	7. China	39.284.730	3,09
8. Canadá	27.146.259	2,82	8. Espanha	32.580.681	2,57
9. França	25.559.857	2,66	9. Alemanha	30.225.100	2,38
10. Venezuela	23.872.833	2,48	10. Paraguai	26.614.952	2,10
Demais Destinos	262.548.559	27,30	Demais Destinos	341.715.386	26,92
Total	961.874.415	100,00	Total	1.269.478.350	100,00

Fonte: SECEX/MDIC.

Os dez principais destinos das exportações cearenses representavam 72,70% do total de países para onde o Ceará exportava seus produtos no ano de 2006, e 73,08% em 2010.

No tocante às importações, o país que mais vendeu para o Ceará em 2006, em termos de valores, foram os Emirados Árabes, com US\$ 200,2 milhões, correspondendo a 18,25% do total importado pelo Estado (Tabela 19). O Ceará comprou desse país exclusivamente gásóleo (óleo diesel) e querosene de aviação. A Índia e a Argentina ficaram em segundo e terceiro lugar, respectivamente. Das compras oriundas da Índia, 88,4% foi gásóleo (óleo diesel), e da Argentina veio predominantemente trigo. Os Estados Unidos, em 2006, participou com 8,23% das importações cearenses, vendendo para o Ceará principalmente insumos do setor têxtil e querosene de aviação.

Já no ano de 2010, a China passou a ser o principal país a exportar para o Ceará, participando com 21,63% do total importado pelo Estado

(Tabela 19). Nesse ano, o Ceará importou da China principalmente laminado de ferro/aço e máquinas e equipamentos. Os Estados Unidos ficou em 2º lugar no *ranking*, com participação de 10,12%, fornecendo na maior parte betume de petróleo, trigo e aviões a jato. Da Alemanha, que participou com 7,76% das importações cearenses, foi adquirido principalmente máquinas e equipamentos, caminhões-guindastes e helicópteros.

Tabela 19 – Principais Origens das Importações do Ceará – 2006 – 2010

2006			2010		
Países	US\$ (Fob)	Part.%	Países	US\$ (Fob)	Part.%
1. Emirados Arabes Unidos	200.214.560	18,25	1. China	469.160.027	21,63
2. India	173.410.872	15,80	2. Estados Unidos	219.472.988	10,12
3. Argentina	129.046.408	11,76	3. Alemanha	168.306.632	7,76
4. Estados Unidos	90.323.446	8,23	4. Trinidad E Tobago	132.807.898	6,12
5. Venezuela	73.526.133	6,70	5. Italia	130.631.117	6,02
6. China	68.610.546	6,25	6. Argentina	117.992.736	5,44
7. Ucrania	37.154.549	3,39	7. Russia	87.322.273	4,03
8. Africa do Sul	34.178.801	3,11	8. Nigeria	71.682.561	3,30
9. Alemanha	31.753.355	2,89	9. Uruguai	58.178.657	2,68
10. Trinidad e Tobago	27.722.087	2,53	10. Taiwan (Formosa)	50.167.027	2,31
Demais Origens	231.411.457	21,09	Demais Origens	663.453.443	30,59
Total	1.097.352.214	100,00	Total	2.169.175.359	100,00

Fonte: SECEX/MDIC.

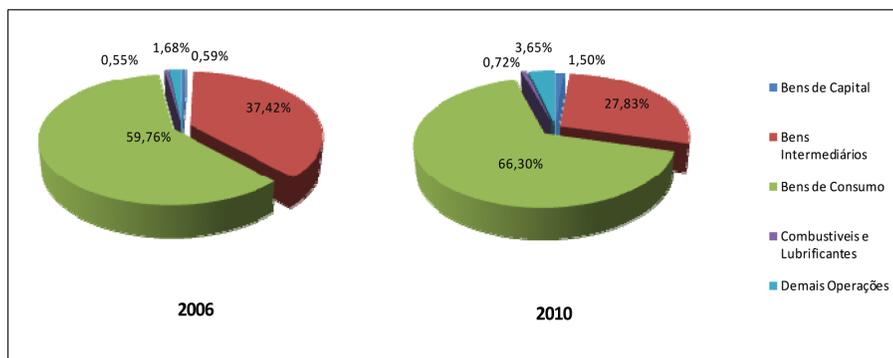
Os dez principais países que exportaram para o Ceará em 2006 responderam por 78,91%. Em 2010, os dez principais países de onde o Ceará importou representou 69,4% (Tabela 19).

5.3 Setores de Contas Nacionais

As exportações cearenses foram compostas em sua maioria de bens de consumo nos anos em análise, elevando ainda mais sua participação dentro dos setores de contas nacionais no ano de 2010 (66,30%).

As exportações de bens intermediários reduziram sua participação no período analisado, passando de 37,42% no ano de 2006 para 27,83% em 2010. Bens de Capital sempre teve pequena representação na pauta de produtos exportados, mas chegou a dobrar sua participação em 2010 (3,65%). (Gráfico 24).

Gráfico 24 – Exportações por Setores de Contas Nacionais – Participação (%) - CE – 2006 - 2010

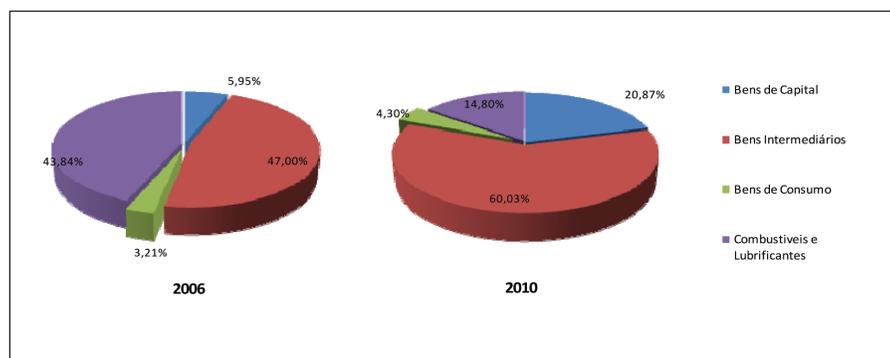


Fonte: SECEX/MDIC.

A pauta de importação do Ceará corresponde principalmente a produtos de bens intermediários, tanto nos anos de 2006 como 2010. Em 2006 os bens intermediários participaram com 47% das importações cearenses, e já em 2010 a participação desse setor passou para 60%.

A mudança da estrutura da pauta ocorreu na inversão de participação do setor de bens de capital e combustíveis e lubrificantes. Em 2006 a importação de combustíveis e lubrificantes correspondia 43,8%, e em 2010 essa participação caiu para 14,8%, enquanto que a importação de bens de capital, que era de apenas 5,9% em 2006, passou para 20,9% (Gráfico 25).

Gráfico 25 – Importações por Setores de Contas Nacionais – CE – 2006 - 2010



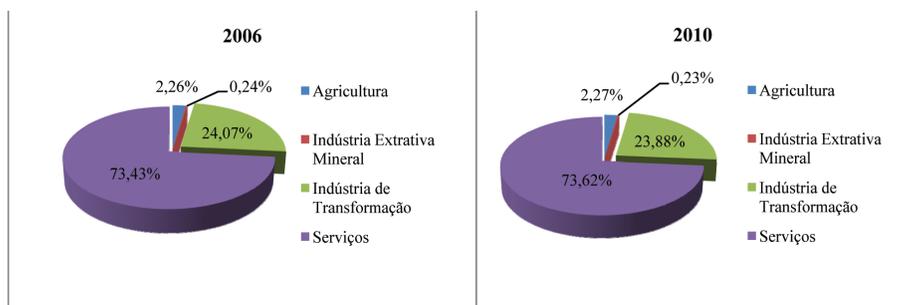
Fonte: SECEX/MDIC.

6. MERCADO DE TRABALHO

6.1 Emprego Formal

Segundo dados do Relatório Anual de Informações Sociais – RAIS do Ministério do Trabalho e Emprego, o estoque de pessoas empregadas com algum tipo de vínculo formal de trabalho no Estado do Ceará no ano de 2010 era de 1.325.792 pessoas. Isso significou um avanço de 7,24% sobre o ano de 2009 e uma alta de 34,0% na comparação com 2006.

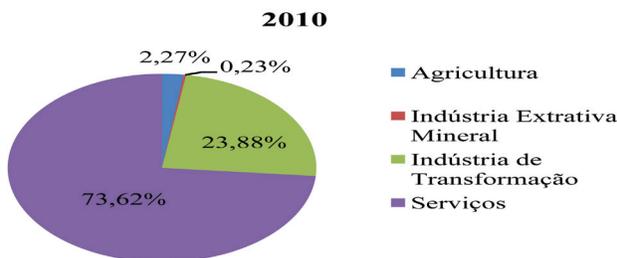
Gráfico 26 – Evolução do estoque de empregos formais – Ceará – 2006 a 2010



Fonte: RAIS/MTE. Elaboração: IPECE.

A participação setorial do emprego formal no estado do Ceará, em 2010, foi a seguinte: Serviços (73,62%); Indústria de Transformação (23,88%); e Agricultura e Pecuária (2,27%); e Indústria Extrativa Mineral (0,23%), refletindo aproximadamente a participação do PIB de cada setor.

Gráfico 27 – Participação setorial do emprego formal – Ceará – 2006 e 2010



Fonte: RAIS/MTE. Elaboração: IPECE.

Entre os anos de 2009 e 2010, o setor da Agricultura registrou queda no número de postos formais de trabalho de 8,81% e no acumulado no período de 2006 a 2010, a queda foi menor de 0,42%. Tabela 20.

Já a Indústria de Transformação apontou alta de 10,71% na comparação com 2009 e alta de 40,44% entre os anos de 2006 e 2010, tendo sido, portanto o setor que registrou o maior avanço em termos relativos no mercado formal de trabalho entre os dois anos analisados.

Tabela 20 – Evolução do emprego formal – Ceará – 2006 a 2010

Atividades	2006	2007	2008	2009	2010
Agricultura	22.375	24.076	25.510	24.433	22.280
Indústria Extrativa Mineral	2.359	2.448	2.600	2.713	2.654
Indústria de Transformação	238.186	252.945	267.775	302.160	334.517
Indústria Têxtil	52.598	58.046	62.706	65.969	71.006
Indústria Calçados	48.498	52.962	49.832	62.365	63.562
Alimentos e Bebidas	39.364	39.168	40.782	43.415	42.331
Indústria Metalúrgica	9.139	10.286	11.395	12.774	14.425
Indústria Química	10.520	10.815	11.498	12.061	13.090
Produtos Mineral Não Metálico	8.637	9.323	9.976	10.324	12.041
Papel e Gráfica	6.241	6.682	7.004	7.656	8.359
Madeira e Mobiliário	6.308	6.261	6.614	6.918	8.066
Borracha, Fumo, Couros	6.235	6.614	6.626	6.392	7.706
Indústria Mecânica	3.701	3.981	3.831	3.876	4.683
Material de Transporte	2.310	2.505	3.000	3.125	4.193
Elétrico e Comunicação	1.737	1.506	2.278	1.976	1.895
Serviço Utilidade Pública	8.232	6.776	6.518	6.874	7.187
Construção Civil	34.666	38.020	45.715	58.435	75.973
Serviços	726.570	779.923	834.114	906.955	966.341
Comércio Varejista	120.815	132.363	143.910	156.843	178.655
Comércio Atacadista	20.422	23.149	25.977	28.679	30.893
Instituição Financeira	13.015	13.577	15.010	15.176	16.123
Administração Técnica Profissional	89.927	85.168	96.530	110.354	125.012
Transporte e Comunicações	33.553	35.386	36.171	37.852	39.867
Alojamento e Alimentação	80.710	88.773	89.639	94.725	112.492
Médicos Odontológicos e Veterinários	25.958	25.620	28.803	32.489	29.615
Ensino	34.695	36.839	41.835	44.363	45.987
Administração Pública	307.475	339.048	356.239	386.474	387.697
Total	989.490	1.059.392	1.129.999	1.236.261	1.325.792

Fonte: RAIS/MTE.

Enquanto isso, o setor de Serviços registrou alta de 6,55% na

comparação com 2009 e 33,0% na comparação com 2006. Por fim, a Indústria Extrativa Mineral registrou queda de 2,17% frente a 2009, mas alta de 12,51% frente ao ano de 2006.

No entanto, em termos absolutos, o setor que gerou o maior número de vagas de trabalho formal entre os anos de 2006 e 2010 foi o setor de Serviços com 239.771 pessoas, ou seja, uma participação aproximada de 71,3% do total novas vagas de trabalho formal criadas no estado do Ceará que foi de 336.302 vagas. Em seguida apareceu a Indústria de Transformação com 96.331 vagas e a Indústria Extrativa Mineral com 295 novos postos de trabalho formal. A Agricultura fechou 95 vagas de trabalho formal na comparação dos dois anos.

Na análise por atividades, o setor da Administração Pública que já respondia por 31,07% dos empregos formais cearenses passou a participar com 32,0% do total em 2010, revelando, assim, o elevado grau de importância desse setor na composição do estoque de empregos formais no Estado.

Outros setores que se destacaram pela elevada participação no total de empregos formais em 2010 foram: Comércio Varejista (12,49%); Alojamento e Alimentação (8,38%), Administração Técnica Profissional (8,04%), Indústria Têxtil (5,48%) e Indústria de Calçados (5,0%) para listar os seis principais.

A Administração Pública deve também ser destacada por ter sido a atividade que mais gerou postos de trabalho formal entre os anos de 2006 e 2010, um total de 80.222 vagas, seguida pelo Comércio Varejista (57.840 vagas); Construção Civil (41.307 vagas) Administração Técnica Profissional (35.085 vagas), Alojamento e Alimentação (31.782 vagas), apenas para listar os cinco principais.

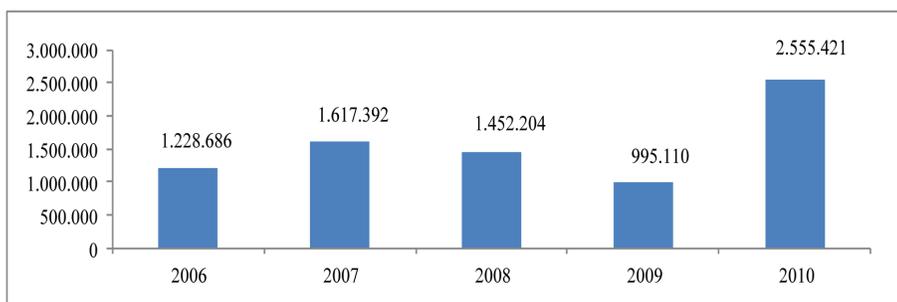
Vale salientar que apenas a atividade de Serviço Utilidade Pública registrou perda de postos de trabalho formal de 1.045 vagas entre os anos de 2006 e 2010, resultado da queda ocorrida entre os anos de 2006 e 2008. Todavia, o estoque de trabalho formal desse setor foi crescente em 2009 e 2010.

6.2 Emprego Formal com Carteira Assinada

Depois de analisar o comportamento do mercado de trabalho formal como um todo, far-se-á agora um corte para se observar apenas a evolução do total de assalariados com carteira de trabalho assinada usando-se para isso os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho e Emprego.

Após vivenciar os efeitos da crise internacional sobre a atividade econômica brasileira, todos os estados brasileiros conseguiram gerar saldos positivos na geração de novas vagas de trabalho com carteira assinada no ano de 2010.

Gráfico 28 – Evolução do Saldo de Empregos com Carteira Assinada – Brasil – 2006 a 2010

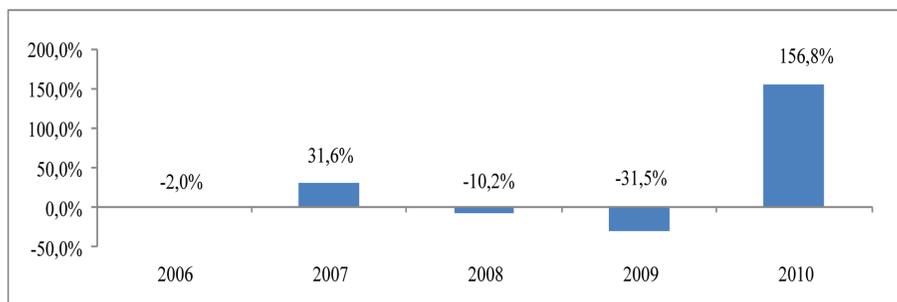


Fonte: CAGED-MTE.

Isso foi fruto da forte recuperação da economia nacional nesse ano, resultando, assim, em um valor recorde na geração de novos postos de trabalho celetistas no país, um total de 2.555.421 postos de trabalho, ou seja, um total de 1.560.311 vagas de trabalho a mais que em 2009.

O crescimento na geração de novos postos de trabalho foi recorde em 2010, reflexo principalmente de uma baixa base de comparação. Os efeitos da crise internacional que se instalara no segundo semestre de 2008 afetou bastante a dinâmica econômica do país em 2009, refletindo-se principalmente sobre a geração de empregos que registrou forte baixa na comparação com o ano anterior, alcançando o menor nível de saldo de empregos dos últimos cinco anos.

Gráfico 29 – Evolução das Taxas de Crescimento Anual do Saldo de Empregos com Carteira Assinada – Brasil – 2006 a 2010



Fonte: CAGED-MTE.

Todos os estados registraram saldos positivos recordes na geração de novos postos de trabalho no ano de 2010, sendo que os melhores resultados foram alcançados por São Paulo (737.947 vagas); Minas Gerais (298.064 vagas); Rio de Janeiro (220.065 vagas); Rio Grande do Sul (181.891 vagas); e Paraná (153.124 vagas).

Nesse mesmo ano, o Ceará também alcançou gerou 84.550 novas vagas de trabalho com carteira assinada, tendo ocupado a nona colocação no país e terceira posição na região Nordeste, superado pelos saldos de empregos gerados pelos estados da Bahia (123.947 vagas) e Pernambuco (117.013 vagas).

É notória a grande diferença de capacidade de geração de emprego existente entre os diversos estados brasileiros. Todavia, esta discrepância está relacionada diretamente a ao tamanho e a dinâmica da economia de cada estado.

A participação do estado de São Paulo foi de 28,9% do total dos empregos criados no país no ano de 2010, ou seja, participação bem abaixo daquela registrada em 2006 de 38,5% do total. Apesar da forte perda de participação, a geração de novas vagas de trabalho com carteira assinada ainda continuou bastante concentrada nesse estado, haja vista que o mesmo registrou participação de quase 2,7 vezes superior a que foi registrada pelo segundo colocado no ranking.

Tabela 21 – Evolução dos Saldos de Empregos com Carteira Assinada – Brasil e Estados – 2006 a 2010

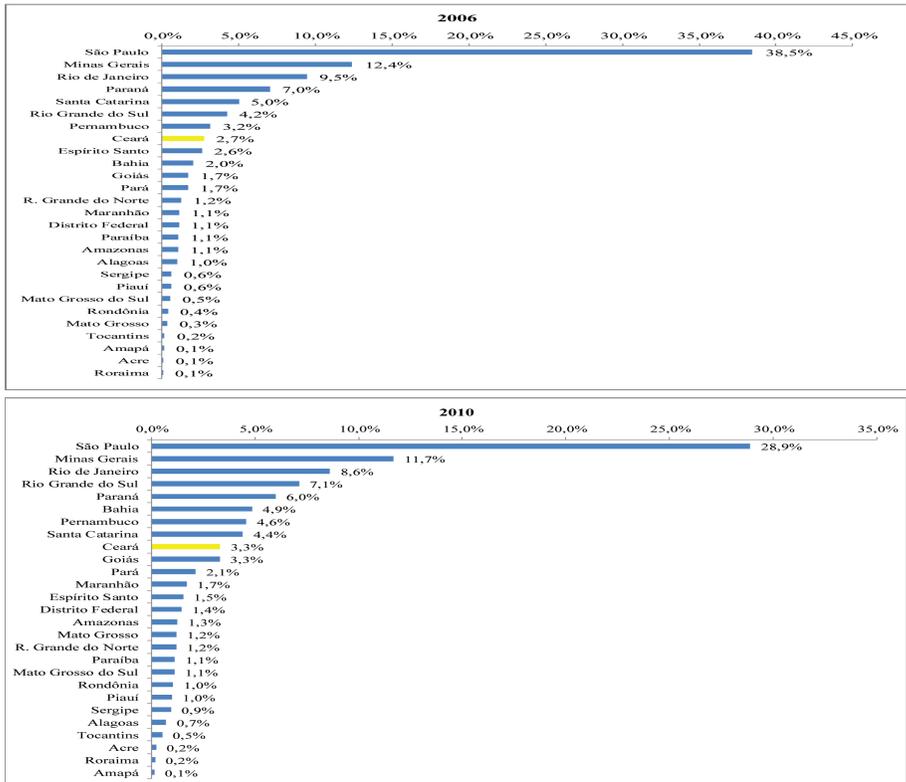
Estados	2006	Rank.	2007	Rank.	2008	Rank.	2009	Rank.	2010	Rank.
São Paulo	472.627	1º	611.539	1º	525.607	1º	277.573	1º	737.947	1º
Minas Gerais	152.294	2º	168.398	2º	130.722	3º	90.608	2º	298.064	2º
Rio de Janeiro	116.158	3º	144.786	3º	154.596	2º	88.875	3º	220.065	3º
Rio Grande do Sul	52.099	6º	94.324	5º	90.554	5º	64.226	7º	181.891	4º
Paraná	86.396	4º	122.361	4º	110.903	4º	69.084	5º	153.124	5º
Bahia	25.089	10º	58.720	7º	40.922	10º	71.170	4º	123.947	6º
Pernambuco	38.885	7º	46.348	8º	52.800	7º	46.717	9º	117.013	7º
Santa Catarina	61.322	5º	83.630	6º	73.906	6º	51.014	8º	112.740	8º
Ceará	33.560	8º	39.722	10º	41.441	9º	64.436	6º	84.550	9º
Goiás	21.061	11º	41.153	9º	47.347	8º	34.404	10º	83.975	10º
Pará	20.806	12º	28.003	11º	8.726	21º	7.380	19º	54.446	11º
Maranhão	13.732	14º	16.178	16º	19.344	14º	-4.784	27º	43.005	12º
Espírito Santo	31.969	9º	25.074	12º	29.374	11º	18.975	12º	38.830	13º
Distrito Federal	13.374	15º	16.364	15º	26.245	12º	17.422	13º	37.011	14º
Amazonas	13.005	17º	22.584	14º	8.736	20º	-1.408	26º	31.944	15º
Mato Grosso	4.131	23º	24.556	13º	22.893	13º	5.412	20º	30.552	16º
R. Grande do Norte	15.341	13º	15.004	17º	13.531	15º	4.800	21º	30.266	17º
Paraíba	13.076	16º	12.157	18º	9.895	18º	13.291	14º	28.763	18º
Mato Grosso do Sul	6.507	21º	11.922	19º	9.866	19º	12.900	15º	28.149	19º
Rondônia	4.671	22º	8.333	21º	5.380	22º	24.875	11º	26.615	20º
Piauí	7.540	20º	7.901	22º	11.324	16º	12.727	16º	25.059	21º
Sergipe	7.588	19º	8.785	20º	11.038	17º	11.198	17º	23.788	22º
Alagoas	12.055	18º	-505	27º	3.322	23º	7.821	18º	17.854	23º
Tocantins	2.140	24º	7.105	23º	710	25º	3.045	22º	12.916	24º
Acre	1.180	26º	-96	26º	499	27º	1.969	23º	5.399	25º
Roraima	668	27º	1.342	25º	574	26º	1.189	24º	4.270	26º
Amapá	1.412	25º	1.704	24º	1.949	24º	191	25º	3.238	27º
Brasil	1.228.686	-	1.617.392	-	1.452.204	-	995.110	-	2.555.421	-

Fonte: CAGED-MTE.

A participação conjunta dos cinco principais estados na geração de novos postos de trabalho no país também registrou queda passando

para 62,3% do total, em 2010, ante os 71,6% registrado em 2006.

Gráfico 30 – Evolução das Participações dos Saldos de Empregos com Carteira Assinada por Estados – 2006 e 2010



Fonte: CAGED-MTE.

Com isso, é possível afirmar que apesar da alta concentração na geração de novos postos de trabalho em poucos estados do país é notório o movimento de queda desse indicador nos últimos anos, principalmente pela forte perda de participação do estado de São Paulo.

Na dimensão regional, é possível também evidenciar a dinâmica ocorrida de desconcentração na geração de novos postos de trabalho celetista no país. A região Sudeste, que respondia por 63,0% da geração de novas vagas de empregos em 2006, reduziu essa participação para 50,7% do total do país em 2010. Enquanto isso, todas as demais regiões ganharam participação, sendo que o maior ganho foi verificado a favor da região Nordeste com incremento de participação de 5,8

pontos percentuais entre os dois anos, seguido do Centro-Oeste (3,4 p.p.); Norte (1,9 p.p.); e Sul (1,3 p.p.).

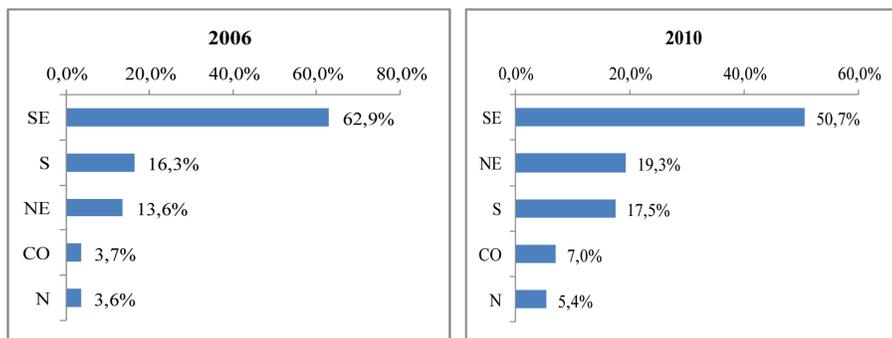
Tabela 22 – Evolução dos Saldos de Empregos com Carteira Assinada – Brasil e Regiões – 2006 a 2010

Regiões	2006	Rank.	2007	Rank.	2008	Rank.	2009	Rank.	2010	Rank.
Sudeste	773.048	1º	949.797	1º	840.299	1º	476.031	1º	1.294.906	1º
Nordeste	166.866	3º	204.310	3º	203.617	3º	227.376	2º	494.245	2º
Sul	199.817	2º	300.315	2º	275.363	2º	184.324	3º	447.755	3º
Centro-Oeste	45.073	4º	93.995	4º	106.351	4º	70.138	4º	179.687	4º
Norte	43.882	5º	68.975	5º	26.574	5º	37.241	5º	138.828	5º
Brasil	1.228.686	-	1.617.392	-	1.452.204	-	995.110	-	2.555.421	-

Fonte: CAGED-MTE.

Como resultado, a região Nordeste passou a responder por 19,3% dos novos postos de trabalho gerados pelo país em 2010, seguido pelas regiões Sul (17,5%); Centro-Oeste (7,0%) e Norte (5,4%).

Gráfico 31 – Evolução das Participações dos Saldos de Empregos com Carteira Assinada por Regiões – 2006 e 2010



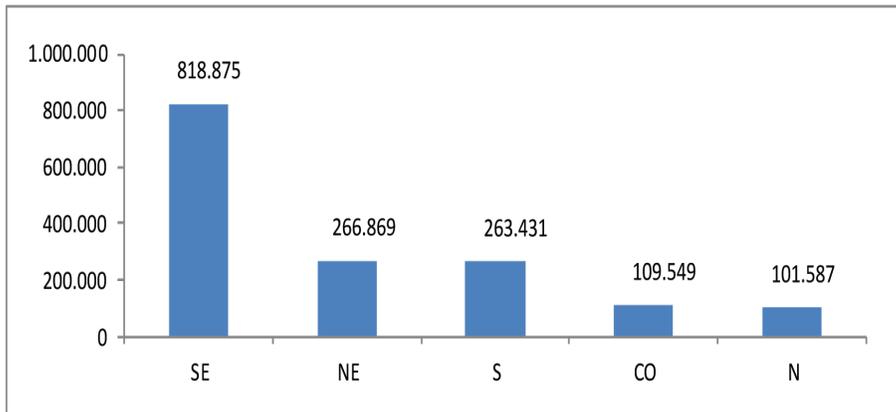
Fonte: CAGED-MTE.

Na comparação com 2009, todas as regiões registraram forte avanço na geração de novas vagas de trabalho com carteira assinada. A maior variação foi observada na região Norte do país de 272,8%, seguido pelo Sudeste (172,0%); Centro-Oeste (156,2%); Sul (142,9%) e Nordeste (117,4%).

No entanto, em termos absolutos, a região Sudeste foi a que mais incrementou novos postos de trabalho em relação a 2009, um total de 818.875 postos de trabalho, seguido pelas regiões Nordeste com

266.869 vagas; Sul com 263.431 vagas; Centro-Oeste com 109.549 vagas; e Norte com 101.587 vagas, totalizando as 1.560.311 vagas de trabalho a mais que em 2009.

Gráfico 32 – Variação Absoluta do Saldo de Empregos com Carteira Assinada por Regiões entre os anos de 2009 e 2010 (*)



Fonte: CAGED-MTE.

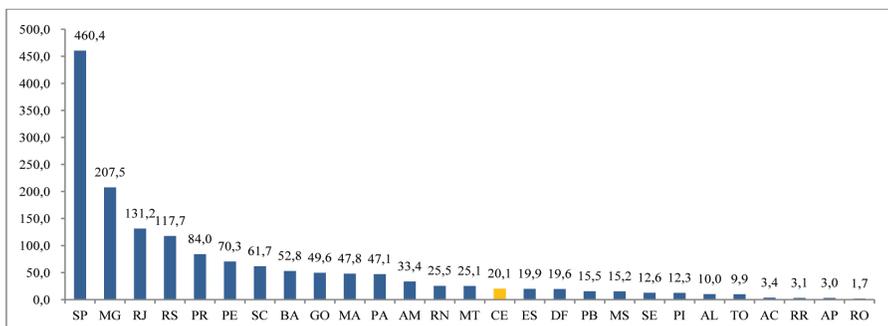
(*) Valores em mil postos de trabalho.

Em 2010, todos os estados registraram crescimento na geração de novos postos de trabalho em relação ao ano anterior, sendo que as cinco maiores altas foram registradas por: Amapá (1.595,3%); Pará (637,8%); Rio Grande do Norte (530,5%); Mato Grosso (464,5%); e Tocantins (324,2%).

Destaca-se que os estados de Amazonas e Maranhão fecharam vagas de trabalho em 2009 e passaram a registrar saldo positivo em 2010. Nesse último ano, o Ceará registrou variação de 31,2%, tendo registrado o vigésimo quarto maior crescimento dentre todos os estados brasileiros e menor do Nordeste.

Já em termos absolutos, os estados que registraram as maiores variações positivas em relação a 2009, foram: São Paulo (460.374 vagas); Minas Gerais (207.456 vagas); Rio de Janeiro (131.190 vagas); Rio Grande do Sul (117.665 vagas); e Paraná (84.040 vagas). O Estado do Ceará gerou 20.114 vagas de trabalho a mais que em 2009, tendo assim, ocupado a décima quinta colocação no país e a quinta no Nordeste.

Gráfico 33 – Variação Absoluta do Saldo de Empregos com Carteira Assinada por Estados – 2009 e 2010 (*)



Fonte: CAGED-MTE. (*) Valores em mil postos de trabalho.

Em suma, na comparação com 2009, o Ceará registrou o décimo quinto maior crescimento em termos absolutos, na geração de novas vagas de trabalho com carteira assinada, dentre os estados brasileiros e quinto do Nordeste.

Já em termos relativos o Ceará registrou o vigésimo quarto maior crescimento no país e menor do Nordeste. Com isso, a participação do estado do Ceará na geração de novas vagas de trabalho no total do país regrediu de 6,5%, em 2009, para 3,3%, em 2010, e no total da região Nordeste passou de 28,3%, em 2009, para 17,1% em 2010.

É possível concluir em primeiro lugar que a geração de novas vagas de empregos com carteira assinada cearense não foi tão afetada pela crise que se instalara no mundo no final de 2008 cujos reflexos foram sentidos com mais intensidade em 2009, quando dezesseis estados brasileiros reduziram a geração de novos postos de trabalho com dois apontando fechamento de vagas.

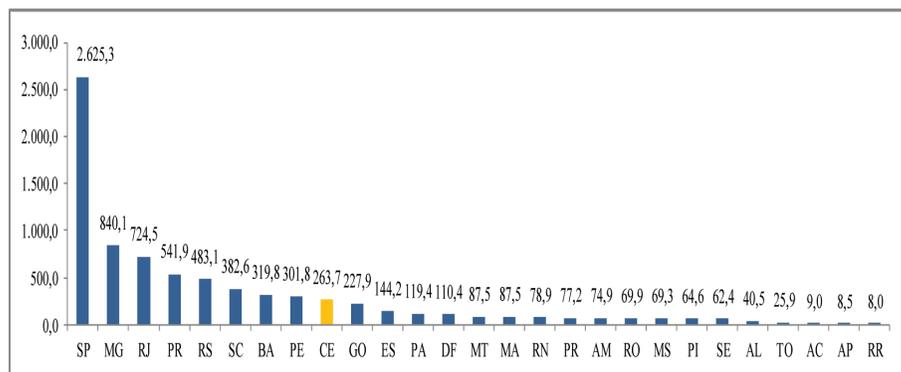
Em seguida, é possível notar que em 2010 quando ocorreu forte recuperação da economia nacional, o que resultou em forte avanço na geração de novos postos de trabalho, consequência de uma série de medidas de incentivo ao consumo, adotadas pelo governo federal (a exemplo da redução pela primeira vez do IPI para automóveis, linha branca e materiais de construção), apesar da economia cearense ter conseguido alcançar seu valor recorde na criação de novos postos de trabalho, não foi possível registrar avanços significativos em termos de

crescimento relativo frente ao ano anterior quando comparado aos demais estados brasileiros e da região Nordeste.

Ao se comparar um período mais longo, os anos de 2006 com 2010, é possível notar que o Estado do Ceará ganhou participação na geração de empregos no total do Brasil passando de 2,7%, em 2006, para 3,3% em 2010. Todavia, o referido estado vem perdendo participação dentro da sua própria região, caindo de 20,1%, em 2006, para 17,1%, em 2010.

Na análise do acumulado de 2006 a 2010, foi gerado no país um total de 7.848.813 novas vagas de trabalho com carteira assinada. Vale destacar que apenas o estado de São Paulo respondeu por 33,4% desse total sendo seguido por Minas Gerais (10,7%); Rio de Janeiro (9,2%); Paraná (6,9%); e Rio Grande do Sul (6,2%). A participação conjunta desses cinco estados foi de 66,4% do total. O estado Nordestino que aparece melhor ranqueado é a Bahia, na sétima colocação com 4,1% de participação, seguida de Pernambuco (3,8%) e Ceará (3,4%).

Gráfico 34 – Variação Absoluta do Saldo de Empregos com Carteira Assinada por Estados – Acumulado de 2006 a 2010 (*)



Fonte: CAGED-MTE. (*) Valores em mil postos de trabalho.

A região que registrou a maior participação foi a Sudeste com 55,2% desse total, aparecendo em seguida as regiões: Sul (17,9%); Nordeste (16,5%); Centro-Oeste (6,3%) e Norte (4,0%).

O estado do Ceará gerou nesse mesmo período um total de 263.709 novas vagas de trabalho celetista tendo apresentado uma participação

de 3,4% dos empregos gerados pelo país e 20,3% dos empregos gerados na região Nordeste. Com isso, o estado do Ceará ocupou a nona colocação dentre os estados brasileiros e terceira dentre os estados nordestinos abaixo apenas das participações da Bahia (4,1% no Brasil e 24,7% no Nordeste) e de Pernambuco (3,8% no Brasil e 23,3% no Nordeste).

O grande motor da geração de empregos com carteira assinada na economia cearense tem sido o setor de Serviços que gerou no acumulado do período de 2006 a 2010 um total de 93.011 vagas. Isso representou uma participação de 35,3% do total dos empregos gerados no Estado.

Tabela 23 – Evolução dos Saldos de Empregos com Carteira Assinada por Setores – Ceará – 2006 a 2010

Setores	2006	2007	2008	2009	2010
1. Extrativa Mineral	-1 0,0%	48 0,1%	165 0,4%	175 0,3%	223 0,3%
2. Ind. Transformação	6.597 19,7%	13.340 33,6%	6.716 16,2%	21.130 32,8%	14.161 16,7%
3. Serv. Ind. Util. Púb.	350 1,0%	-21 -0,1%	372 0,9%	154 0,2%	277 0,3%
4. Construção Civil	4.752 14,2%	3.531 8,9%	3.344 8,1%	9.816 15,2%	16.190 19,1%
5. Comércio	9.192 27,4%	11.156 28,1%	11.673 28,2%	12.559 19,5%	20.675 24,5%
6. Serviços	11.516 34,3%	10.408 26,2%	16.236 39,2%	21.439 33,3%	33.412 39,5%
7. Adm. Pública	-16 0,0%	1.005 2,5%	1.624 3,9%	630 1,0%	790 0,9%
8. Agropecuária	1.170 3,5%	255 0,6%	1.311 3,2%	-1.467 -2,3%	-1.178 -1,4%
Ceará	33.560	39.722	41.441	64.436	84.550

Fonte: CAGED-MTE.

Em seguida, apareceram os setores de Comércio (24,7%); Indústria de Transformação (23,5%); Construção Civil (14,3%); Administração Pública (1,5%); Serviços Industriais de Utilidade Pública (0,43%);

Indústria Extrativa Mineral (0,23%); e Agricultura e Silvicultura (0,03%).

O setor de Serviços cearenses participou com 20,2% de todos os empregos gerados no referido setor na região Nordeste e com 2,8% dos empregos gerados no Brasil no acumulado dos cinco anos. Enquanto isso, o Comércio registrou participações de 19,2% e de 3,2%, a Indústria de Transformação (28,0% e 4,5%), e a Construção Civil (14,8% e 3,9%), todos na mesma comparação. Destaca-se a elevada participação dos empregos gerados no setor da Administração pública cearense no total do Nordeste, 54,6% e no Brasil, 6,5% do total.

Pela análise da dinâmica setorial ao longo do período de 2006 a 2010 é possível chegar a algumas conclusões para cada setor. Primeiro, o setor de **Serviços** alcançou sua participação recorde na geração de empregos na economia cearense no ano de 2010. Na comparação com o Nordeste esse setor registrou ganho de participação no período de 2007 a 2009 seguido de perda de participação em 2010, finalizando com 19,3%. Na comparação com o Brasil, o ganho de participação foi mais notório passando de 2,2%, em 2006, para 3,3% em 2010.

Apesar de o **Comércio** ter registrado crescimento contínuo na geração de empregos com forte aceleração em 2010, a participação desse setor também tem caído nos últimos dois anos da série no total dos empregos gerados no Estado. Apesar disso, na comparação com o Nordeste e o país, a participação do Ceará revelou um comportamento de elevação da participação até 2009, finalizando a série em 2010 com participações de 18,7% no Nordeste e 3,4% no Brasil.

Enquanto isso, a **Indústria de transformação** registrou aumento no número de novos postos de trabalho, mas perdendo participação ao longo do período dentre os setores locais. Na comparação com a região Nordeste havia registrado aumento de participação até 2009 quando alcançou participação recorde de 56,2%. Em 2010, sua participação caiu para 20,3% dos empregos gerados na referida região e no país respondeu por 2,6% dos empregos no mesmo ano.

A **Construção Civil** registrou forte avanço na geração de empregos nos últimos três anos acompanhado de forte aumento de participação

dentre os oito setores pesquisados no Ceará. Todavia, na comparação com a região Nordeste, esse setor vem perdendo participação relativa finalizando 2010 com 13,2% de participação. Já com relação ao Brasil, movimento diferente tem sido observado quando pico de participação foi alcançado em 2009 de 5,5% de participação.

A **Administração Pública** registrou forte aumento na criação de novas vagas de trabalho entre os anos de 2006 e 2008, reduzindo essa dinâmica a partir de 2009. Com isso, a sua participação também caiu nos últimos dois anos. Na comparação com o Nordeste esse setor chegou a participar com 86,8% dos empregos criados em 2009, revelando assim uma clara tendência de aumento de participação. Em relação ao Brasil, esse setor também registrou forte aumento de participação passando a representar 7,6% de todos os empregos gerados em 2010.

Os **Serviços Industriais de Utilidade Pública** apresentaram forte oscilação na geração de empregos com tendência de queda na participação no total do Estado do Ceará. Dentro da região Nordeste sua participação vem também caindo nos últimos três anos, finalizando a série com 8,0% de participação. No país, esse setor cearense participa com apenas 1,4% dos empregos gerados.

A **Indústria Extrativa Mineral** registrou aumento na geração de novas vagas de trabalho nos últimos anos. No ano de 2008, a Indústria Extrativa Mineral registrou participação de 73% do total de empregos gerados no mesmo setor na região Nordeste caindo bastante essa participação para 6,5% em 2010. No Brasil esse setor respondeu por apenas 1,3% dos empregos gerados nesse último ano.

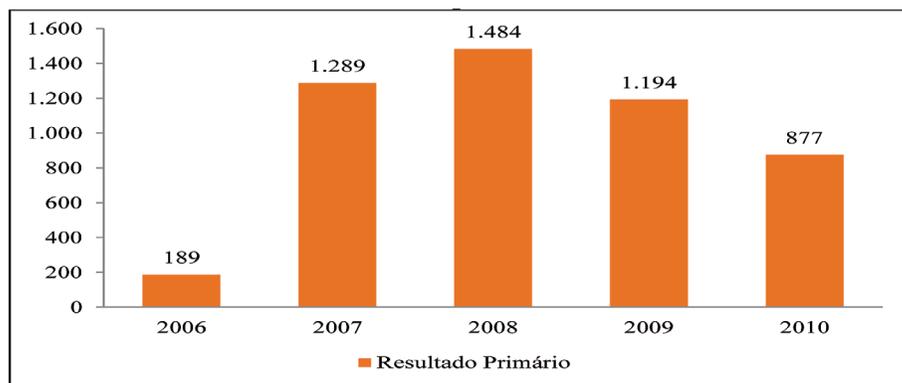
Por fim, o setor da **Agropecuária e Silvicultura** que havia apresentado saldo positivo de empregos nos três primeiros anos da série passou a registrar perda de postos de trabalho nos anos de 2009 e 2010, refletindo bastante os problemas causados pelas fortes variações climáticas ocorrida nesses dois anos.

7. FINANÇAS PÚBLICAS

7.1 Resultado Fiscal

O ano de 2010 encerrou-se com a obtenção de um resultado primário, no qual é a diferença entre as receitas e as despesas, ambas não financeiras, acumulado da ordem de R\$ 877 milhões. Verifica-se pelo Gráfico 35 que a partir do ano de 2006 até 2010 o Estado do Ceará obteve um resultado primário médio de aproximadamente 943 milhões de reais. Cabe destacar que o acúmulo de poupança gerada nesse período permitiu o Estado alavancar seu programa de investimento, sem prejuízo de sua situação financeira.

Gráfico 35 – Resultado Primário a preços constantes, Ceará – 2006-2010 (*)



Fonte: Sefaz-Sic/Smart

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2010.

7.2 Receitas

Analisa-se nessa seção a receita orçamentária, no qual é considerada como a receita total, pois esta é a composição de todos os tipos de receitas arrecadadas. Analisa-se também o seu principal componente que é a receita corrente, no qual é composta quase que totalmente pela soma da receita tributária, tendo o seu principal componente a arrecadação do imposto sobre as operações relativas à circulação

de bens e serviços (ICMS), e das transferências correntes, composta principalmente pelo fundo de participação dos estados (FPE). A Tabela 24 abaixo apresenta as taxas de crescimento anual real dessas receitas e componentes.

Tabela 24 – Taxa de Crescimento Anual das Receitas e seus Principais Componentes – 2007-2010 (*)

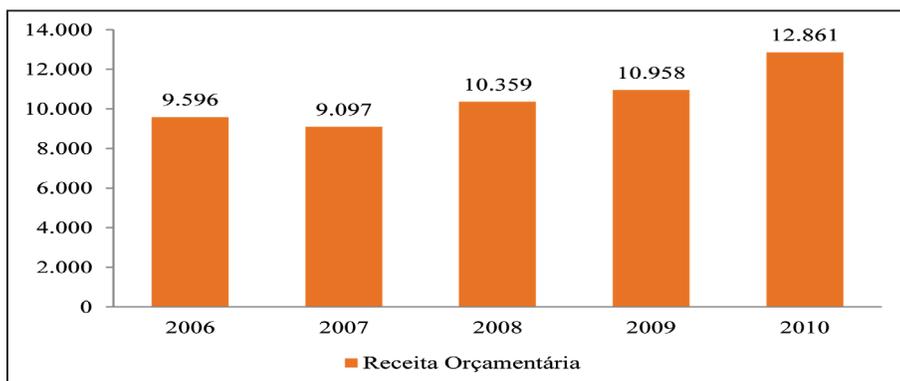
Receita Orçamentária	Receita Corrente	Receita Tributária	ICMS	IPVA	Transferências Correntes	FPE	
2007	-5,20%	3,63%	2,46%	1,55%	17,29%	8,52%	11,78%
2008	13,87%	14,64%	13,50%	13,59%	14,99%	14,04%	15,69%
2009	5,78%	-0,68%	3,69%	3,24%	13,06%	-7,90%	-8,11%
2010	17,37%	13,79%	17,39%	17,13%	9,11%	10,13%	5,12%

Fonte:Sefaz-Sic/Smart

(*) Taxas de crescimento real, corrigidos pelo IPCA a preços de 2010.

Verifica-se de acordo com o Gráfico 36 que em 2010 as receitas estaduais totalizaram R\$ 12.861 milhões, representando um crescimento real de 17,37% em relação ao ano anterior. Analisando a evolução da receita orçamentária no período 2006-2010, verifica-se que apenas em 2007 houve uma queda dessa receita (- 5,20%).

Gráfico 36 – Receita Orçamentária a preços constantes, Ceará – 2006-2010 (*)

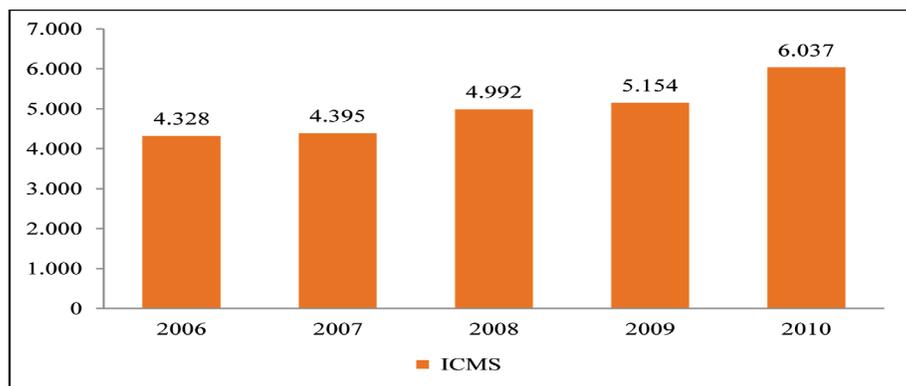


Fonte:Sefaz-Sic/Smart

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2010.

Entre as receitas de arrecadação própria, a mais relevante é a arrecadação do imposto sobre as operações relativas à circulação de bens e serviços (ICMS), representando 47% das receitas totais do Estado no ano de 2010. Nos últimos anos a arrecadação do ICMS vem sempre demonstrando crescimento real, apresentando em 2010 um valor de R\$ 6.037 milhões (Gráfico 37), o que representa um aumento real de 17,13% em relação a 2009.

Gráfico 37 – ICMS a preços constantes, Ceará – 2006-2010 (*)



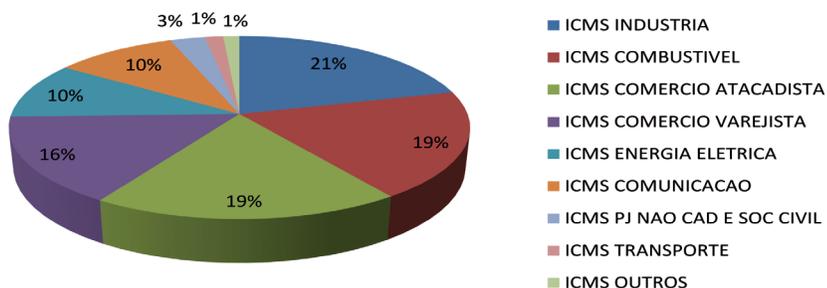
Fonte: Sefaz-Sic/Smart

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2010.

Em relação à composição do ICMS, verifica-se pelo Gráfico 38 que no ano de 2010 o setor de maior arrecadação foi a Indústria com 22% do ICMS total⁷, seguido do Combustível (20%), Comércio Atacadista (19%), Comércio Varejista (15%), Energia Elétrica (10%), Comunicação (10%), Pessoa Jurídica não Cadastrada e Sociedade Civil (2%), Transporte (1%) e a Categoria Outros (1%).

⁷ Excluiu-se do ICMS total a contribuição do ICMS ao Fundo de Combate à Pobreza (FECOP) no valor de R\$ 263,14 Milhões a preços de 2010.

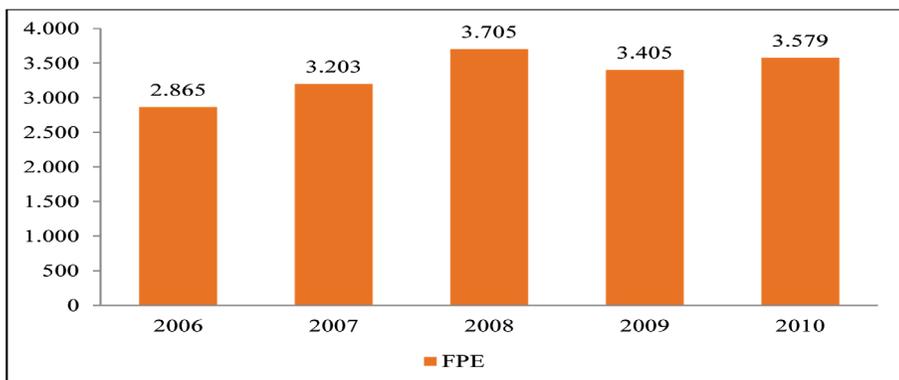
Gráfico 38 – Composição do ICMS do Ceará em 2010



Fonte: Sefaz-Sic/Smart

Dentre as receitas oriundas das Transferências da União, a mais relevante é o Fundo de Participação dos Estados (FPE), onde em 2010 foi responsável por 28% do total das receitas do Estado. Em 2010, esta receita totalizou R\$ 3.579 milhões (Gráfico 39), um aumento real de 5,12% em relação a 2009. Verifica-se assim a retomada de crescimento dessa transferência após sua queda verificada em 2009 (-8,11%), decorrente da crise americana iniciada em setembro de 2008. O FPE é composto de uma parcela das receitas arrecadadas do Imposto de Renda (IR) e do imposto sobre produtos industrializados (IPI). Devido à política do governo federal de redução do IPI para o setor automotivo, iniciada em dezembro de 2008, o fundo diminuiu reduzindo assim o repasse para o Ceará em 2009.

Gráfico 39 – FPE a preços constantes, Ceará – 2006-2010 (*)



Fonte: Sefaz-Sic/Smart

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2010.

7.3 Despesas

Analisaremos nessa seção a Despesa Orçamentária, no qual é considerada como a despesa total, pois esta é a composição de todos os tipos de despesas realizadas, bem como a Despesa Corrente, no qual é composta quase que totalmente pela soma das Despesas de Pessoal e Encargos Sociais e Outras Despesas Correntes. Analisaremos também as despesas com Investimentos, no qual representa o principal componente da Despesa de Capital. A Tabela 25 abaixo apresenta as taxas de crescimento anual real dessas despesas e componentes.

Tabela 25 – Taxa de Crescimento Anual das Despesas e seus Principais Componentes – 2007-2010 (*)

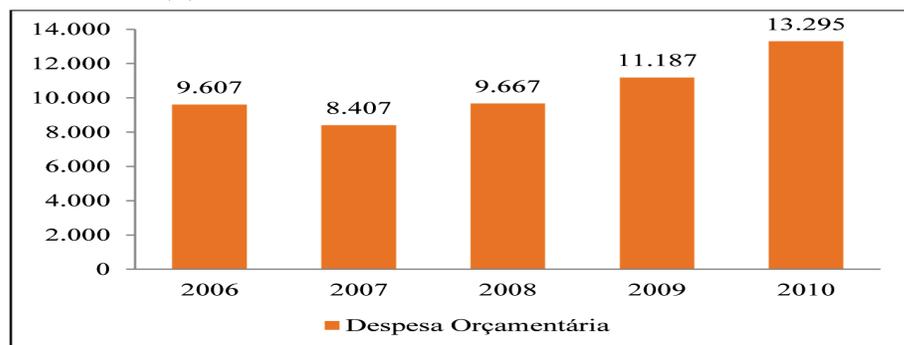
	Despesa Orçamentária	Despesas Correntes	Pessoal e Encargos Sociais	Outras Despesas Correntes	Investimentos
2007	-12,49%	1,23%	6,29%	-3,21%	-52,75%
2008	14,98%	11,51%	10,16%	14,62%	63,05%
2009	15,73%	6,82%	7,39%	7,47%	81,07%
2010	18,84%	15,92%	14,37%	18,49%	55,01%

Fonte:Sefaz-Sic/Smart

(*) Taxas de crescimento real, corrigidos pelo IPCA a preços de 2010

O Gráfico 40 mostra que a Despesa Orçamentária do Governo do Estado, em 2010, registrou R\$ 13.295 milhões, um aumento real de 18,84% em relação a 2009. Analisando o período 2006-2010 observa-se uma queda (-12,49%) dessa despesa decorrente de um ajuste fiscal ocorrida em 2007, no qual é o início da primeira gestão do Governo Cid Gomes.

Gráfico 40 – Despesa Orçamentária a preços constantes, Ceará – 2006-2010 (*)

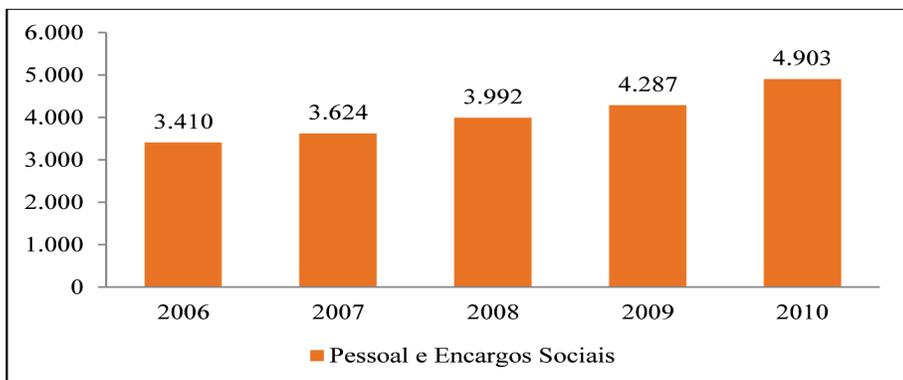


Fonte:Sefaz-Sic/Smart

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2010.

As despesas com Pessoal e Encargos Sociais representaram aproximadamente 37% das despesas totais do Estado, em 2010, totalizando R\$ 4.903 milhões, um aumento real de 14,37% em relação ao ano anterior. Estas despesas corresponderam em 2010 a 51% da Receita Corrente Líquida.

Gráfico 41 – Despesa com Pessoal e Encargos Sociais, Ceará – 2006-2010 (*)



Fonte: Sefaz-Sic/Smart

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2010.

Em relação aos gastos com Investimentos, verifica-se pelo Gráfico 42 que no período 2007-2010 o Governo do Ceará quadruplicou esta conta em termos reais, saltando de R\$ 651 milhões em 2007 para R\$ 2.980 milhões em 2010. Estas despesas responderam por cerca de 22% das despesas totais em 2010, obtendo um aumento real de 55,01% em relação ao ano anterior.

Gráfico 42 – Despesas com Investimentos, Ceará – 2006-2010 (*)

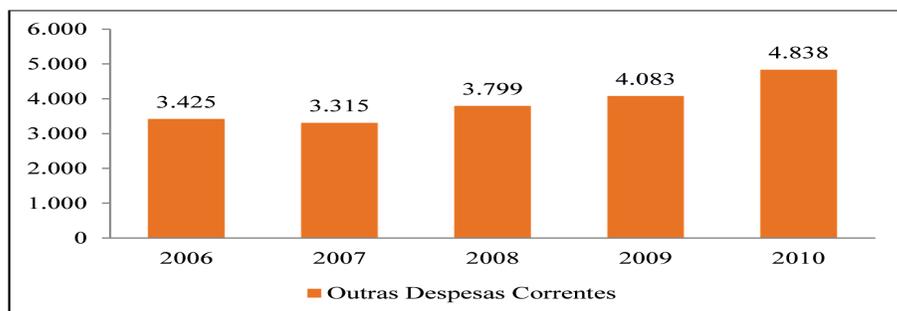


Fonte: Sefaz-Sic/Smart

(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2010

As Outras Despesas Correntes corresponderam a 36% do total de despesas do Estado em 2010. Neste ano, estas despesas somaram R\$ 4.838 milhões (Gráfico 43), um aumento real de aproximadamente 18,49% com relação ao ano anterior.

Gráfico 43 – Outras Despesas Correntes, Ceará – 2006-2010 (*)



Fonte: Sefaz-Sic/Smart

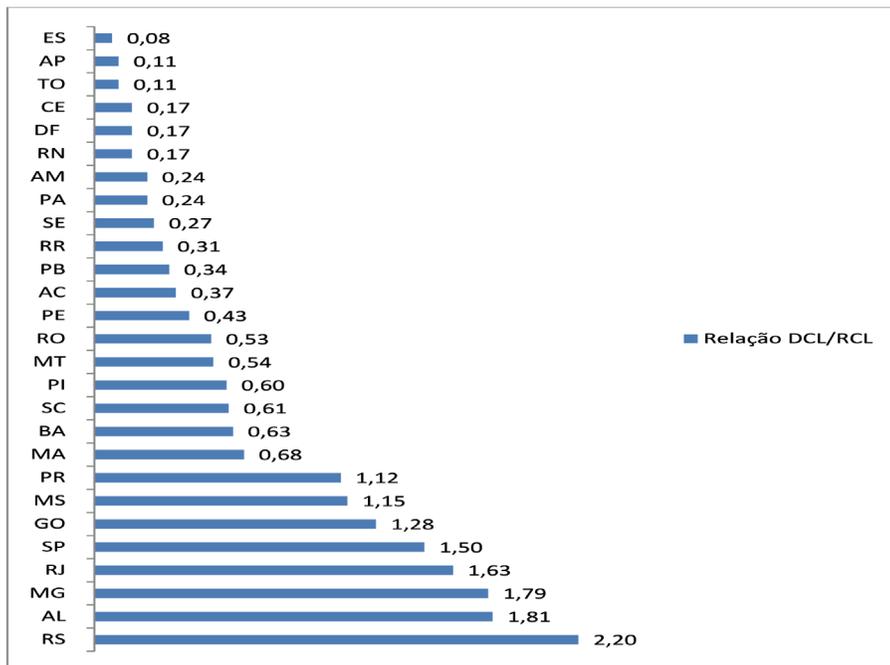
(*) R\$ milhões, corrigidos pelo IPCA a preços de 2010.

7.4. Dívida

Em relação ao montante da Dívida Consolidada Líquida (DCL), da qual exclui-se os haveres financeiros conforme determina a Resolução nº 43, de 2001 do Senado Federal, o Ceará apresentou em 2010 um valor de R\$ 2.680,0 milhões sendo um valor muito baixo em relação ao montante da Receita Corrente Líquida (RCL), que apresentou, no final do ano de 2010, um valor de R\$ 9.664,0 milhões. Dessa forma a relação DCL/RCL para o Ceará apresentou um valor de 0,17 (Gráfico 44), posicionando-se entre os Estados com os valores mais baixos da federação e bem abaixo do limite de endividamento permitido que é de duas vezes a Receita Corrente Líquida.

Além do baixo nível de endividamento e do alto gasto com investimento verificado no período 2006-2010, o Estado tem mostrado um pesado compromisso com o pagamento do serviço da dívida, por conta de um cronograma de amortizações concentrado no curto prazo.

Gráfico 44 – Dívida Consolidada Líquida (DCL) em relação à Receita Corrente Líquida (RCL), Estados da Federação (*).



Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional (STN)

(*) Posição em 31/12/2010

Considerações Finais

O Livro Indicadores Econômicos do Ceará 2010 abordou o desempenho da economia cearense observando os anos de 2006 a 2010. O trabalho apresentou a análise de indicadores relativos às Contas Regionais para o Estado, aos setores de Serviços, da Indústria e do Agronegócio.

Avaliou ainda o comportamento de variáveis relacionadas ao Comércio Exterior, ao Mercado de Trabalho, e às Finanças Públicas no Ceará.

Os resultados apresentados permitem uma avaliação de curto e médio prazo para os indicadores selecionados, colaborando para uma visão geral da economia estadual, assim como de temas específicos.

Com isso, amplia-se o entendimento sobre a realidade estadual e a disponibilidade de informações oferecidas à sociedade.

Por fim, o IPECE contribui para um melhor conhecimento a respeito dos avanços conquistados nos últimos anos e dos obstáculos que ainda existem na trajetória de desenvolvimento seguida pelo Estado.